



O TEMPO
DE UMA PRESENÇA

O ANO LITÚRGICO
NA VIDA DOS CRISTÃOS

JUAN JOSÉ SILVESTRE (ED.)

O TEMPO DE UMA PRESENÇA

O ANO LITÚRGICO
NA VIDA DOS CRISTÃOS

© 2017 Escritório de Informação
do Opus Dei
www.opusdei.org.br

Índice

Apresentação.

ADVENTO

Preparar a vinda do Senhor.

NATAL

A luz de Belém.

QUARESMA

O caminho para a Páscoa.

SEMANA SANTA

Amou-nos até o fim.

PÁSCOA

Ressuscitei e sempre estou contigo.

TEMPO COMUM

O domingo, dia do Senhor e alegria dos cristãos.

AS FESTAS DURANTE O TEMPO COMUM (1)

O tempo de uma presença.

AS FESTAS DURANTE O TEMPO COMUM (2)

Celebrar o mistério inesgotável do Senhor.

SANTA MARIA NO ANO LITÚRGICO

«Chamar-me-ão bem-aventurada»

OS SANTOS NO ANO LITÚRGICO

Como uma grande sinfonia.

CANTO E MÚSICA NA LITURGIA

A música que vem de Deus.

EPÍLOGO

Reunidos em comunhão: rezando com toda a Igreja.

APRESENTAÇÃO

“A história não é um simples suceder-se de séculos, anos e dias, mas é o tempo de uma presença que lhe confere pleno significado, abrindo-a a uma esperança sólida”¹. Estas palavras de Bento XVI, que inspiraram o título deste livro, descrevem a essência do ano litúrgico, “celebração do mistério de Cristo no tempo”². Na liturgia Deus se faz presente entre nós e realiza a nossa salvação de um modo misterioso, mas real: tão real como quando Cristo ainda estava visível sobre a terra. “O ano litúrgico, que a piedade da Igreja alimenta e acompanha, não é uma fria e inerte representação de fatos que pertencem ao passado, ou uma simples evocação da realidade de outros tempos. É, antes, o próprio Cristo, que vive sempre na sua Igreja e que prossegue o caminho de imensa misericórdia por ele iniciado, piedosamente, nesta vida mortal, quando passou fazendo o bem, com o fim de colocar as almas humanas em contato com os seus mistérios e fazê-las viver por eles”³.

Este livro, que reúne textos publicados no site do Opus Dei, convida a percorrer esses mistérios do calendário litúrgico, que giram em torno do Mistério Pascal, coração da vida de Cristo e da história do mundo. Cabe ao leitor, então, aprofundar na gama de tonalidades que a oração da Igreja adquire no tempo; descobrir que a liturgia é, com palavras do Papa Francisco, “tempo e espaço de Deus”, e que Ele nos convida a “entrar ali, no tempo de Deus, no espaço de Deus, sem olhar para o relógio. A liturgia é, precisamente, entrar no mistério de Deus, deixar-se levar ao mistério e estar no mistério”⁴.

Contemplemos, então, como o Mistério Pascal, pelo qual Cristo venceu a morte, entra em nosso dia a dia, talvez cansativo, e o enche de vida; aprendamos a viver de perto as festas em torno do mistério da Encarnação; adentremo-nos no início da salvação. Deixemo-nos surpreender pelos diferentes perfis do inesgotável mistério de Deus que a liturgia nos propõe, por meio das diversas solenidades e festas do Senhor. Redescubramos a presença maternal da Santíssima Virgem, em quem a Igreja “admira e exalta o fruto mais excelso da Redenção, e a contempla com alegria como imagem puríssima do que toda ela deseja e espera ser”⁵. E, ao lembrarmo-nos dos santos, vislumbremos “o Mistério Pascal realizado neles, que sofreram com Cristo e com Ele foram glorificados”⁶.

As páginas deste livro querem ajudar a pôr em prática algumas palavras bem conhecidas de São Josemaria: “Oração - todos o sabemos - é falar com Deus. Mas podemos perguntar-nos: falar, de quê? De que há de ser, senão das coisas de Deus e das que preenchem os nossos dias? Do nascimento de Jesus, do seu caminhar por este mundo, do seu ocultamento e da sua pregação, dos seus milagres, da sua Paixão Redentora, da sua Cruz e da sua Ressurreição. E na presença do Deus Uno e Trino, tendo por Medianeira Santa Maria e por advogado São José, Nosso Pai e Senhor - a quem tanto amo e venero -, falaremos do nosso trabalho de todos os dias, da família, das relações de amizade, dos grandes projetos e das pequenas mesquinhas”⁷.

Espero que este livro contribua para despertar o sentido do mistério, da transcendência, do amor da Trindade por nós. Que estas páginas facilitem a escuta dócil do Espírito Santo, que nos fala na oração, e leve muitos leitores a se deslumbrarem diante da possibilidade de entrarem neste diálogo transformador com a Trindade; um diálogo que nos leva a sair de nós mesmos para reencontrar-nos, transformados em Cristo, com os seus próprios sentimentos. E que assim, identificados com Ele, por obra do Espírito Santo, possamos nos apresentar diante do Pai das misericórdias.

JUAN JOSÉ SILVESTRE (ED.)

[Voltar ao índice](#)

Notas

- 1 Bento XVI, Audiência, 12-XII-2012
- 2 J. L. Gutiérrez-Martín, *Belleza y misterio. La liturgia, vida de la Iglesia*, Eunsa, Pamplona 2006.
- 3 Pio XII, Enc. *Mediator Dei* (20.XI.1947).
- 4 Francisco, Homilia em Santa Marta, 10.II.2014.
- 5 Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 103.
- 6 *Ibid*, n. 104.
- 7 São Josemaria, *É Cristo que passa*, 174.

ADVENTO

Preparar a Vinda do Senhor

O Senhor não se retirou do mundo, não nos deixou sós. O Advento é um tempo no qual a Igreja convida os seus filhos a vigiar, a estar despertos para receber a Cristo que passa, a Cristo que vem. Editorial sobre este tempo do ano litúrgico.

“Ó Deus todo-poderoso, concedei a vossos fiéis o ardente desejo de possuir o reino celeste, para que, acorrendo com as nossas boas obras ao encontro do Cristo que vem, sejamos reunidos à sua direita na comunidade dos justos.” Essas palavras da oração coleta do primeiro domingo do Advento iluminam com grande eficácia o caráter peculiar desse tempo, em que se dá início ao Ano litúrgico. Imitando a atitude das virgens prudentes da parábola evangélica, que souberam preparar o azeite para as bodas do Esposo [1], a Igreja convida os seus filhos a vigiar, a estar despertos para receber a Cristo que passa, a Cristo que vem.

Tempo de presença

O desejo de sair ao encontro, de preparar a vinda do Senhor[2], nos coloca diante do termo grego *parusia*, que o latim traduz como *adventus*, de onde surge a palavra Advento. De fato, *adventus* pode ser traduzido como “presença”, “chegada”, “vinda”. Não se trata, portanto, de uma palavra inventada pelos cristãos: era usada na Antiguidade em âmbito não cristão para designar a primeira visita oficial de um personagem importante - o rei, o imperador ou um de seus funcionários - por motivo da sua tomada de posse. Também podia indicar a vinda da divindade, que sai da sua ocultação para se manifestar com força, o que se celebra no culto. Os cristãos adotaram o termo para expressar a sua relação com Jesus Cristo: Jesus é o Rei que entrou nesta pobre “província”, nossa terra, para visitar a todos, um Rei que convida a participar na festa do seu Advento todos os que creem nEle, a todos que estão certos de sua presença entre nós.

Ao dizer *adventus*, os cristãos afirmavam, simplesmente, que Deus está aqui: o Senhor não se retirou do mundo, não nos deixou sós. Mesmo que não possamos vê-lo ou tocá-lo, como ocorre com as realidades sensíveis, Ele está aqui e vem nos visitar de muitas formas: na leitura da Sagrada Escritura, nos sacramentos, especialmente na Eucaristia, no ano litúrgico, na vida dos santos, em tantos episódios, mais ou menos comuns, da vida cotidiana, na beleza da criação... Deus nos ama, conhece nosso nome, tudo o que é nosso lhe interessa e está sempre presente junto de nós. Esta segurança da sua presença, que a liturgia do Advento nos sugere discretamente, mas com constância ao longo destas semanas, não esboça uma nova imagem do mundo ante nossos olhos? “Essa certeza, que procede da fé, faz-nos olhar o que nos cerca sob uma nova luz, e leva-nos a perceber que, permanecendo tudo como antes, tudo se torna diferente, porque

tudo é expressão do amor de Deus.”[3]

Uma memória agradecida

O Advento nos convida a pararmos, em silêncio, para captar a presença de Deus. São dias para voltar a considerar, com palavras de São Josemaria, que “Deus está junto de nós continuamente. - Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. E está como um Pai amoroso - quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos -, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdoadando” [4].

Se esta realidade *inundar* a nossa vida, se a consideramos com frequência no tempo do Advento, nos sentiremos animados a dirigir-lhe a palavra com a confiança na oração, e muitas vezes durante o dia, lhe apresentaremos os sofrimentos que nos entristecem, a impaciência e as perguntas que brotam de nosso coração. Este é um momento oportuno para que cresça em nós a segurança de que Ele nos escuta sempre. “A vós, meu Deus, elevo a minha alma. Confio em vós, que eu não seja envergonhado!” [5]

Compreendemos também como os acontecimentos às vezes inesperados de cada dia são gestos personalíssimos que Deus nos dirige, sinais do seu olhar atento sobre cada um de nós. Acontece que costumamos estar muito atentos aos problemas, às dificuldades, e às vezes mal nos restam forças para perceber tantas coisas belas e boas que vêm do Senhor. O Advento é um tempo para considerar, com mais frequência, como Ele nos protegeu, guiou e ajudou nas vicissitudes de nossa vida, para louvá-lo por tudo o que fez e continua fazendo por nós.

Esse estar despertos e vigilantes perante os detalhes de nosso Pai no céu floresce em ações de graças. Nasce assim em nós uma memória do bem que nos ajuda inclusive na hora escura das dificuldades, dos problemas, da doença, da dor. “A alegria evangelizadora - escreve o Papa - refulge sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos pedir.” [6] O Advento nos convida a escrever, por dizer de alguma forma, um diário interior deste amor de Deus por nós. “Acredito que vós e eu - dizia São Josemaria - ao pensarmos nas circunstâncias que acompanharam a nossa decisão de nos esforçarmos por viver integralmente a fé, daremos muitas graças ao Senhor e teremos a convicção sincera - sem falsas humildades - de que não houve nisso mérito algum da nossa parte.” [7]

Deus vem

Dominus veniet![8] Deus vem! Esta breve exclamação abre o tempo do Advento ressoa especialmente ao longo destas semanas, e depois, durante todo o ano litúrgico. Deus vem! Não se trata simplesmente de que Deus tenha vindo, de algo do passado, nem tampouco é um simples anúncio de que Deus virá, em um futuro que poderia não ter excessiva transcendência para nosso hoje e agora. Deus vem: se trata de uma ação sempre em andamento, está acontecendo, acontece agora e continuará a acontecer conforme passe o tempo. A todo momento, “Deus vem”: em cada instante da história, o Senhor continua dizendo: “Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho”[9].

O Advento nos convida a tomar consciência desta verdade e a atuar de acordo com

ela. “Já é hora de despertardes do sono”, “ficai atentos”, “o que vos digo, digo a todos: vigiai!”[10]. São chamadas da Sagrada Escritura nas leituras do primeiro domingo do Advento que nos lembram dessas constantes vindas, *adventus*, do Senhor. Nem ontem, nem amanhã, mas hoje, agora. Deus não está só no céu, desinteressado de nós e da nossa história; na realidade, Ele é o Deus que vem. A meditação atenta dos textos da liturgia do Advento nos ajuda a preparar-nos, para que a sua presença não passe despercebida.

Para os Padres da Igreja, a “vinda” de Deus -continua e conatural com seu próprio ser- se concentra nas duas principais vindas de Cristo: a de sua encarnação e a da sua volta glorioso no fim da história.[11] O tempo do Advento se desenvolve entre esses dois polos. Nos dias iniciais se sublinha a espera da última vinda do Senhor no fim dos tempos. E, à medida que se aproxima o Natal, abre-se caminho à memória do acontecimento em Belém, no qual se reconhece a plenitude dos tempos. “Por essas duas razões o Advento se manifesta como tempo de uma espera piedosa e alegre” [12].

O prefácio I do Advento sintetiza esse duplo motivo: “Revestido da nossa fragilidade, ele veio a primeira vez, para realizar seu eterno plano de amor e abrir-nos caminho da salvação. Revestido de sua glória, ele virá uma segunda vez para conceder-nos em plenitude os bens prometidos que hoje, vigilantes, esperamos” [13].

Dias de espera e esperança

Um aspecto fundamental do Advento é, portanto, a espera, mas uma espera que o Senhor converte em esperança. A experiência nos mostra que passamos a vida esperando: quando somos crianças queremos crescer, na juventude aspiramos a um amor grande, que nos preencha, quando somos adultos buscamos a realização profissional, o sucesso determinante para o resto de nossa vida, quando chegamos à idade avançada aspiramos ao merecido descanso. No entanto, quando essas esperanças se cumprem, ou quando fracassam, percebemos que isso, na realidade, não era tudo. Precisamos de uma esperança que vá além do que podemos imaginar, que nos surpreenda. Assim, mesmo que existam esperanças maiores ou menores que dia a dia nos mantêm no caminho, na verdade, sem a grande esperança - a que nasce do Amor que o Espírito Santo pôs em nosso coração[14] e aspira a esse Amor-, todas as outras não bastam.

O Advento nos anima a perguntar “O que esperamos?”, “Qual é a nossa esperança?” Ou, de modo ainda mais profundo, “Que sentido tem meu presente, meu hoje e agora?” “Se o tempo não foi preenchido por um presente dotado de sentido, a espera corre o risco de se tornar insuportável; se se espera algo, mas neste momento não há nada, ou seja se o presente permanece vazio, cada instante que passa parece exageradamente longo, e a expectativa transforma-se num peso demasiado grave, porque o futuro permanece totalmente incerto. Ao contrário, quando o tempo é dotado de sentido, e em cada instante compreendemos algo de específico e de válido, então a alegria da espera torna o presente mais precioso” [15].

Um presépio para nosso Deus

Nosso tempo presente tem um sentido porque o Messias, esperado por séculos,

nasce em Belém. Juntamente com Maria e José, com a assistência dos nossos Anjos da Guarda, lhe esperamos com o desejo renovado. Cristo, ao vir entre nós, nos oferece o dom do seu amor e da sua salvação. Para os cristãos a esperança está animada por uma certeza: o Senhor está presente ao longo de toda nossa vida, no trabalho e nos afãs cotidianos, nos acompanha e um dia enxugará também nossas lágrimas. Um dia, não tão distante, tudo encontrará o seu cumprimento no reino de Deus, reino de justiça e de paz. “O tempo do Advento nos restitui o horizonte da esperança, uma esperança que não decepciona porque é fundada na Palavra de Deus. Uma esperança que não decepciona, simplesmente porque o Senhor não decepciona nunca!” [16]

O Advento é um tempo de presença e de espera do eterno, um tempo de alegria, de uma alegria íntima que nada pode eliminar: “eu vos verei novamente, e o vosso coração se alegrará, e ninguém poderá tirar a vossa alegria” [17]. O gozo no momento da espera é uma atitude profundamente cristã, que vemos plasmada na Santíssima Virgem: Ela, desde o momento da Anunciação, esperou “com amor de mãe” [18] a vinda de seu Filho, Jesus Cristo. Por isso, Ela também nos ensina a aguardar ansiosamente a chegada do Senhor, ao mesmo tempo que nos preparamos interiormente para esse encontro, com o desejo de “construir com o coração um presépio para nosso Deus” [19].

Juan José Silvestre

[1] Cfr. Mt 25, 1ss.

[2] Cfr. Tes 5, 23.

[3] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 144.

[4] São Josemaria, *Caminho*, n. 267.

[5] Missal Romano, I Domingo do Advento, Antífona de entrada. Cf. Sal 24 (25) 1-2.

[6] Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, n. 13.

[7] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 1.

[8] Cfr. Missal Romano, Ferial III (terça-feira) das semanas I-III do Advento, Antífona de entrada. Cfr. Za 14, 5.

[9] Jo 5, 17.

[10] Rm 13, 11; Lc 21, 36; Mc 13, 37.

[11] Cfr. São Cirilo de Jerusalém, Catequese 15, 1: PG 33, 870 (II Leitura do Ofício de Leituras do I Domingo do Advento).

[12] Calendário Romano, Normas universais sobre o ano litúrgico e sobre o calendário, n. 39.

[13] Missal Romano, Prefácio I do Advento.

[14] Cfr. Rom 5, 5

[15] Bento XVI, Homilia I Véspera do I Domingo do Advento, 28-XI-2009.

[16] Francisco, *Ângelus*, 1-XII-2013.

[17] Jo 16, 22.

[18] Missal Romano, Prefácio II do Advento.

[19] Notas de uma meditação, 25-XII-1973 (AGP, biblioteca, P09, p. 199). Publicado em *Álvaro del Portillo, Caminar con Jesús. Al compás del año litúrgico*, Ed. Cristiandad, Madrid 2014, p. 21.

NATAL

A luz de Belém

As celebrações litúrgicas durante os dias de Natal, os momentos de meditação diante do Presépio, a vida familiar mais intensa, nos ajudam a contemplar a Palavra que se fez Criança. Confira o novo artigo sobre as festas litúrgicas do Tempo de Natal.

Cristo, redentor do mundo, Unigênito do Pai, nascido de modo inefável do Pai antes de todos os tempos, «*Christe, redemptor omnium, / ex Patre, Patris Unice, / solus ante principium / natus ineffabiliter*»[1]. Estas palavras, as primeiras que a Igreja pronuncia a cada ano, no início do tempo de Natal, nos introduzem na intimidade de Deus. As celebrações litúrgicas durante estes dias, os momentos de meditação diante do Presépio, a vida familiar mais intensa, nos ajudam a contemplar a Palavra que se fez Criança. Ajudam-nos a olhá-lo «com as disposições humildes da alma cristã» que não quer «reduzir a grandeza de Deus a nossos pobres conceitos (...) mas compreender que esse mistério, em sua obscuridade, é uma luz que guia a vida dos homens»[2].

Uma luz que nos leva ao Pai

«Deus é luz»[3]: nele não há escuridão. Quando Ele intervém na história dos homens, as trevas se dissipam. Por isso, no dia de Natal cantamos: «*lux fulgebit hodie super nos, quia natus est nobis Dominus*»[4] - uma luz nos envolverá em seu resplendor, porque o Senhor nasceu para nós.

Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, nasce para iluminar nosso caminho na terra. Nasce para nos mostrar o rosto amável do Pai e revelar o mistério de um Deus que não é um ser solitário, mas Pai, Filho e Espírito Santo. Na eternidade o Pai gera o Filho em um ato perfeíssimo de Amor que faz do Verbo o Filho Amado: do «Pai das luzes»[5] procede Aquele que é «Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro»[6]. Ainda que essa geração de Luz seja indescritível e os nossos olhos não possam percebê-la aqui na terra, Deus Pai não nos deixou nas trevas: deixou-nos um sinal em que podemos entrever algo desse mistério. Esse sinal é o nascimento virginal de Jesus na noite de Belém.

«A virgindade de Maria manifesta a iniciativa absoluta de Deus na Encarnação. Jesus não tem como Pai outro que não seja Deus»[7]. O único Filho de Maria é o Unigênito do Pai, aquele que nasceu inefavelmente do Pai antes de todos os tempos, nasce também de modo inefável de uma Virgem Mãe. Por isso, a Igreja canta «*talis partus decet Deus*»[8], um nascimento admirável dessa forma, conviria à dignidade de Deus. Trata-se de um mistério que revela o resplendor da glória divina aos que são humildes[9]. Se nos aproximarmos do Menino com simplicidade, a mesma dos pastores que acodem com pressa à gruta[10], ou como a dos Magos que «prostrando-se, O adoraram»[11], poderemos reconhecer o reverberar de sua geração eterna, na luz que a face do Menino irradia.

O início do caminho para a Páscoa

«E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem»[12]. É fácil imaginar a alegria que Maria experimentou a partir do momento da Anunciação. Um júbilo que iria crescendo conforme se passavam os dias e o Filho de Deus ia se formando em seu seio. No entanto, Nossa Senhora e São José não foram poupados de todas as penalidades. A noite santa do nascimento do Redentor está marcada pela dureza e frieza do coração humano: «veio aos seus, mas os seus não o receberam»[13]. Desta forma, o nascimento sem dor antecipava também a “hora” de Jesus, na que Ele daria sua vida por amor às criaturas: «Seus braços – outra vez o admiramos no presépio – são só de um Menino: mas são os mesmos que se estenderão na Cruz, atraindo todos os homens»[14].

Na liturgia do tempo de Natal, a Igreja nos convida a lembrar do início daquela paixão de Amor de Deus pelos homens que culmina com a celebração anual da Páscoa. De fato, diferentemente da Páscoa anual, a festa da Natividade do Senhor não começou a celebrar-se liturgicamente até finais do século IV conforme o calendário refletia cada vez mais a unidade de todo o mistério de Cristo. Por isso, ao celebrar o nascimento de Jesus e deixar-nos tocar pela sua ternura de Menino, o sentido de sua vinda à terra se atualiza, como canta aquela canção de natal que tantas lembranças trazia a São Josemaria: «*Yo bajé a la tierra para padecer*» (Eu desci à terra para padecer). O Natal e a Páscoa estão unidos não só pela luz, mas também pela potência da Cruz gloriosa.

«*Dum medium silentium...* porque, quando um profundo silêncio envolvia todas as coisas, e a noite chegava ao meio de seu curso, vossa palavra todo-poderosa desceu dos céus e do trono real, e, qual um implacável guerreiro, arremessou-se sobre a terra condenada à ruína»[15]. São palavras do livro da Sabedoria, que fazem referência imediata à Páscoa antiga, ao Êxodo em que os israelitas foram libertados. Frequentemente a liturgia as emprega no tempo de Natal para nos apresentar, por meio de contrastes, a figura do Verbo que vem à terra. A figura daquele que é inabarcável se circunscreve no tempo. O Dono do mundo não encontra lugar em seu mundo. O Príncipe da Paz desce do seu trono real como «guerreiro implacável». Deste modo, podemos compreender que o nascimento de Jesus é o fim da tirania do pecado, o início da libertação dos filhos de Deus. Jesus nos libertou do pecado graças a seu mistério Pascal. É a “hora” que atravessa e guia toda a história humana.

Jesus assume uma natureza como a nossa, com suas fraquezas, para nos libertar do pecado por meio da sua morte. Isto somente pode ser compreendido a partir do amor, pois o amor pede a união, pede compartilhar a mesma sorte que a pessoa amada: «A única norma ou medida que nos permite compreender de algum modo essa maneira de agir de Deus é que nos demos conta de que ela é sem medida: perceber que nasce de uma loucura de amor, que o leva a assumir nossa carne e a carregar o peso de nossos pecados»[16].

O Senhor quis ter um coração de carne como o nosso para traduzir para a linguagem humana a loucura do amor de Deus por todos, cada um e cada uma. Por isso, a Igreja se regozija ao exclamar: «*Puer natus est nobis*»[17], nasceu para nós um Menino. Porque

Ele é o Messias esperado pelo povo de Israel, sua missão tem um alcance universal. Jesus nasce para todos, «se uniu, em certo modo, com todo homem»[18], não se envergonha de nos chamar “irmãos” e deseja louvar conosco a bondade do Pai. É lógico que nos dias do Natal vivamos de modo especial a fraternidade cristã, amemos a todas as pessoas sem fazer distinções de procedência ou capacidade e que não nos envergonhemos de chamar-nos irmãos. Temos de acolher o amor libertador de Jesus que nos tira da escravidão de nossas más inclinações, derruba os muros entre os homens para fazer-nos finalmente «filhos no Filho»[19].

Um mistério que ilumina a família

«As festas relacionadas ao mistério da Encarnação (Anunciação, Natal e Epifania) que comemoram o começo de nossa salvação e nos comunicam as primícias do Mistério da Páscoa»[20]. Estas primícias provêm sempre do contato com Jesus, das relações que se criam em torno ao Menino que, como as de qualquer criança que vem ao mundo, são em primeiro lugar relações familiares. A luz do Menino estende-se em primeiro lugar a Maria e a José, e, a partir deles, a todas as famílias.

Dentro do tempo de Natal, a festa da Sagrada Família nos lembra de que as famílias cristãs estão chamadas a refletir a luz do lar de Nazaré. São um dom do Pai celestial, que deseja que haja no mundo oásis em que o amor tenha sido libertado da escravidão do egoísmo. As leituras da festa propõem alguns conselhos para tornar santa a vida familiar: «como eleitos de Deus, santos e queridos, revesti-vos de entranhada misericórdia, de bondade, humildade, doçura, paciência. Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós»[21]. São atitudes concretas para fazer realidade esse grande paradoxo do Evangelho: somente a renúncia e o sacrifício conduzem ao verdadeiro amor.

A oitava de Natal termina com a solenidade de Santa Maria Mãe de Deus. Esta festa foi celebrada pela primeira vez em Roma e está relacionada com a dedicação da Igreja de Santa Maria *ad martyres*, situada no Panteão. Essa celebração traz-nos à memória que o Filho de Deus é também Filho daquela que acreditou nas promessas de Deus[22], e que Ele se fez carne para nos redimir. Dessa forma, poucos dias depois, festejamos o Nome de Jesus, esse nome em que encontramos consolo em nossa oração, pois nos lembra que o Menino que adoramos se chama Jesus porque nos salva de nossos pecados[23].

A salvação para todos os homens

Os últimos dias do ciclo de Natal comemoram a força expansiva da Luz de Deus, que quer reunir todos os homens na grande família de Deus. O rito romano comemorava antigamente, na festa do Batismo do Senhor, também a “manifestação” aos Magos do Oriente – primícias dos gentios – e as bodas de Caná, primeira manifestação da glória de Jesus a seus discípulos. Ainda que a liturgia romana celebre hoje essas “epifanias” em dias diferentes, ficam alguns ecos dessa tradição que conservaram as liturgias orientais. Um deles é uma antífona do dia da Epifania: «Hoje a Igreja se uniu a seu celestial Esposo porque, no Jordão, Cristo a purifica dos seus pecados. Os Magos acolhem com presentes às bodas do Rei e os convidados se alegram pela água convertida em

vinho»[24].

Na solenidade da Epifania a Igreja nos convida a seguir o exemplo dos Magos, que perseveraram na busca da Verdade, não tem medo de perguntar quando perdem a luz da estrela e encontram a sua própria grandeza adorando ao Menino recém-nascido. Como eles, também nós queremos dar-lhe o melhor, conscientes de que é próprio de apaixonados e que para o Senhor «não importam as riquezas, nem os frutos, nem os animais da terra, do mar ou do ar, porque tudo isso é seu. Ele quer algo íntimo, que temos de entregar a Ele com liberdade: dá-me, meu filho, o teu coração (*Prov.* 23, 26)»[25].

Festejar o Batismo

A festa do Batismo de Jesus encerra o tempo de Natal. Convida-nos a contemplar Jesus que se rebaixa para santificar as águas, para que, no sacramento do Batismo, possamos nos unir à sua Páscoa: «Nós, com o Batismo, somos imersos nessa fonte inesgotável de vida que é a morte de Jesus, o maior ato de amor de toda a história»[26]. Por isso, como diz o Papa Francisco, é natural que recordemos com alegria a data em que recebemos este sacramento: «Conhecer a data do nosso Batismo é conhecer uma data feliz. O risco de não conhecê-la é perder a memória do que o Senhor fez conosco. A memória do dom que recebemos»[27]. Assim fazia São Josemaria, que a cada 13 de janeiro lembrava com agradecimento dos seus padrinhos e do próprio sacerdote que o batizou[28]. Em um dos seus últimos aniversários na terra, ao sair do oratório de Santa Maria da Paz, depois de ter celebrado a Missa, deteve-se um instante diante da pia batismal, beijou-a e comentou: «Fico muito feliz em beijá-la. Aqui me fizeram cristão».

A cada três anos, no primeiro domingo depois do Batismo do Senhor, é proclamado o evangelho das bodas de Caná. No início do Tempo Comum, nos é recordado que a luz que resplandeceu em Belém e no Jordão não é um parêntesis em nossa vida, mas uma força transformadora que quer chegar a toda a sociedade a partir do seu núcleo, as relações familiares. A transformação da água em vinho nos sugere que as realidades humanas, incluindo o trabalho bem feito de cada dia, podem se transformar em algo divino. Jesus nos pede que enchamos as talhas «*usque ad summum*»[29], que com a ajuda de sua graça abastecemos com nossos esforços até a borda, para que a nossa vida adquira valor sobrenatural. Nesta tarefa de santificar o trabalho cotidiano, encontramos Nossa Senhora outra vez: a mesma que nos mostrou o Menino em Belém, dirige-nos ao Mestre com aquele conselho seguro: «Fazei tudo o que Ele vos disser!»[30].

Juan Rego

[1] Hino *Christe, redemptor omnium*, I Vésperas de Natal.

[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*, nº. 13.

[3] *1 Jo* 1, 5.

[4] Cfr. Missal Romano, Natividade do Senhor, *Ad Missam in aurora*, Antífona de entrada (Cfr. *Is* 9, 2.6).

[5] *Tg* 1, 17.

[6] Símbolo Niceno-Constantinopolitano.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 503.

[8] Hino *Veni, Redemptor Gentium*

[9] Cfr. *Hb* 1, 3.

[10] Cfr. *Lc* 2,16.

[11] *Mt* 2, 11.

[12] *Lc* 2, 6-7.

[13] *Jo* 1, 11.

[14] *É Cristo que passa*, nº 38.

[15] *Sab* 18, 14-15.

[16] *É Cristo que passa*, n. 144.

[17] Cfr. Missal Romano, Natividade do Senhor, *Ad Missam in die*, Antífona de entrada (Cfr. *Is* 9, 6).

[18] Concílio Vaticano II, Const. Past. *Gaudium et spes*, n. 22.

[19] *Ibidem*.

[20] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1171.

[21] *Col* 3, 12-13 (2ª leitura da festa da Sagrada Família).

[22] Cfr. *Lc* 1, 45

[23] *Mt* 1, 21.

[24] Antífona *ad Benedictus*, *Laudes* do dia 6 de janeiro.

[25] *É Cristo que passa*, nº 34.

[26] Francisco, *Audiência Geral*, 8-I-2014.

[27] *Ibidem*.

[28] Cfr. A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, Quadrante, São Paulo, 1a. Edição.

[29] *Jo* 2, 7.

[30] *Jo* 2, 5.

QUARESMA

O caminho para a Páscoa

Durante a Quaresma, a Igreja nos convida a considerarmos em nossa oração a necessidade de converter-nos, de redirecionar nossos passos para o Senhor. Texto sobre a Quaresma, inserido no ciclo sobre o Ano Litúrgico.

“Fazei, ó Deus, que o nosso coração corresponda a estas oferendas com as quais iniciamos nossa caminhada para a Páscoa”[1](Missal Brasileiro): Desde o primeiro domingo da Quaresma, a liturgia traça decididamente o caráter dos 40 dias que começam na Quarta-Feira de Cinzas. A Quaresma é um compêndio de nossa vida, que é toda ela “um constante retorno à casa do nosso Pai”[2]. É um caminho para a Páscoa, para a morte e ressurreição do Senhor, que é o centro de gravidade da história do mundo, de cada mulher, de cada homem: um retorno ao Amor eterno.

No tempo da Quaresma, a Igreja nos desperta de novo à necessidade de renovar nosso coração e nossas obras, de modo que descubramos, cada vez mais, esta centralidade do mistério pascal: se trata de que nos ponhamos nas mãos de Deus para “progredir no conhecimento de Jesus Cristo e corresponder a seu amor por uma vida santa”[3] (Missal Brasileiro).

“O homem tem uma capacidade tão estranha para esquecer as coisas mais maravilhosas e acostumar-se ao mistério! Consideremos de novo, nesta Quaresma, que o cristão não pode ser superficial. Plenamente mergulhado no seu trabalho diário (...) o cristão tem que estar ao mesmo tempo totalmente mergulhado em Deus, porque é filho de Deus”[4]. Por isso é lógico que durante esses dias consideremos em nossa oração a necessidade da conversão, de redirecionar nossos passos para o Senhor e purificar o nosso coração fazendo próprios os sentimentos do salmista: “*Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum firmum innova in visceribus meis*; Cria em mim, ó Deus, um coração puro, renova em mim um espírito resoluto”[5]. São palavras do salmo *Miserere*, que a Igreja nos propõe com frequência neste tempo litúrgico, e o qual São Josemaria rezou tanto.

O caminho de Israel pelo deserto

A Quaresma possui raízes profundas em vários episódios chave da história da Salvação, que é também nossa história. Um deles é a travessia do povo eleito pelo deserto. Esses 40 anos foram um tempo de prova e de tentações para os israelitas. Javé os acompanhava continuamente e os fazia entender que só deviam se apoiar n’Ele: ia amolecendo seu duro coração de pedra[6]. Além disso, foi um tempo de graças constantes: mesmo que o povo sofresse, era Deus quem lhes consolava e lhes orientava com a palavra de Moisés, lhes alimentava com o Maná e as codornizes, lhes dava a água na Rocha de Meriba[7].

Quão próximas nos resultam as palavras, cheias de ternura, com as quais Deus faz os israelitas refletirem sobre o sentido de sua longa travessia! “Lembra-te de todo o caminho pelo qual o Senhor teu Deus te conduziu nesses quarenta anos, no deserto, para te humilhar e te pôr à prova, para conhecer tuas intenções e saber se observarias ou não os mandamentos. Ele te humilhou, fazendo-te passar fome e, depois, te alimentou com o maná que nem tu, nem teus pais conheciam, para te mostrar que não só de pão vive o ser humano, mas de tudo o que procede da boca do Senhor”[8]. Também hoje o Senhor nos dirige essas palavras: a nós que, no deserto de nossa vida, certamente experimentamos a fadiga e os problemas de cada dia, ainda que não faltem os cuidados paternais de Deus, às vezes, por meio da ajuda desinteressada de nossos familiares, de amigos ou, inclusive, de pessoas de boa vontade que permanecem anônimas. Com sua pedagogia inefável, o Senhor vai nos introduzindo em seu coração, que é a verdadeira terra prometida: “*Praebe, fili mi, cor tuum mihi...* Dá-me, filho, o teu coração, e teus olhos guardem os meus caminhos”[9].

Muitos dos episódios do Êxodo eram sombra de realidades futuras. De fato, nem todos os que participaram daquela primeira peregrinação chegaram a entrar na terra prometida[10]. Por isso, a Carta aos Hebreus, citando o salmo 94, sente dor pela rebeldia do povo e, ao mesmo tempo, celebra a chegada de um novo êxodo: “Os primeiros a receberem a boa-nova não entraram, por causa da desobediência”, e Deus “marca de novo um dia, um ‘hoje’, quando fala por meio de Davi, muito tempo depois: ‘Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações’”[11]. Esse hoje é o inaugurado por Jesus Cristo. Com sua Encarnação, sua vida e glorificação, o Senhor nos conduz pelo êxodo definitivo, no qual as promessas encontram perfeito cumprimento: coloca-nos no céu, consegue “um repouso para o povo de Deus. Pois aquele que entrou no repouso de Deus repousou de suas obras, como Deus repousou das suas”[12].

O caminho de Cristo pelo deserto

O Evangelho do primeiro domingo da Quaresma nos apresenta a Jesus que, em solidariedade conosco, quis ser tentado ao final dos 40 dias que passou no deserto. Ver sua vitória sobre Satanás nos enche de esperança, e nos revela que, com Ele, poderemos vencer também nas batalhas da vida interior. Nossas tentações, então, já não nos inquietam, mas se convertem em ocasião para nos conhecermos melhor e para nos fiar mais de Deus. Descobrimos que o ideal de uma vida acomodada é uma imagem falsa da autêntica felicidade e percebemos, com São Josemaria, que “é precisa, sem dúvida, uma nova mudança, uma lealdade mais plena, uma humildade mais profunda, de modo que, diminuindo o nosso egoísmo, Cristo cresça em nós, já que *illum oportet crescere, me autem minui*, é preciso que Ele cresça e eu diminua (*Jo3,30*)”[13].

A experiência da nossa fragilidade pessoal não acaba no temor, mas na petição humilde que confirma a nossa fé, a nossa esperança e o nosso amor: “Afasta, Senhor, de mim o que o me afasta de ti”, podemos dizer, com palavras que São Josemaria repetiu com frequência[14]. Com Jesus, encontramos as forças para rejeitar decididamente a tentação, sem ceder ao diálogo: “Observai bem como Jesus responde. Ele não dialoga com Satanás, como tinha feito Eva no paraíso terrestre. Jesus (...) escolhe refugiar-se na Palavra de Deus e responde com a força desta Palavra. Recordemo-nos disto: no

momento da tentação, das nossas tentações, nenhum diálogo com Satanás, mas defendidos sempre pela Palavra de Deus! E isto nos salvará”[15].

O relato da Transfiguração do Senhor, que é proclamado no segundo domingo da Quaresma, nos reafirma nesta convicção da certeza da vitória, apesar das nossas limitações. Também nós participaremos de sua glória, se soubermos nos unir à sua Cruz em nossa vida cotidiana. Para isso, temos de alimentar nossa fé, como aqueles personagens do Evangelho que a liturgia dos últimos domingos de Quaresma nos apresenta de três em três anos: a samaritana, que supera o pecado para reconhecer em Jesus o Messias que sacia, com a água viva do Espírito Santo, sua sede de amor[16]; o cego de nascimento, que vê a Cristo como luz do mundo, vencendo a ignorância, enquanto os que veem se tornam cegos[17]; Lázaro, cuja ressurreição nos recorda que Jesus veio para nos trazer uma vida nova[18]. Contemplando esses relatos como um personagem a mais, com a ajuda dos santos, encontraremos recursos para nossa oração pessoal, e se fortalecerá a presença de Deus mais intensa que procuraremos manter nestes dias.

Nosso caminho penitencial como filhos

A oração coleta do terceiro domingo da Quaresma apresenta o sentido penitencial deste tempo: “Ó Deus, fonte de toda a misericórdia e de toda bondade, vós nos indicastes o jejum, a esmola e a oração como remédio contra o pecado. Acolhei esta confissão da nossa fraqueza para que, humilhados pela consciência de nossas faltas, sejamos confortados pela vossa misericórdia”. Com a humildade de quem se reconhece pecador, pedimos com toda a Igreja a intervenção que esperamos da misericórdia de Deus Pai: um olhar amoroso sobre nossa vida, e seu perdão reparador.

A liturgia nos impulsiona a assumir nossa parte no processo de conversão, ao convidar-nos à prática das tradicionais obras penitenciais. Essas manifestam uma mudança de atitude em nossa relação com Deus (oração), com os outros (esmola) e conosco (jejum)[19]. É o “espírito de penitência”, do qual falava São Josemaria, e do qual propunha tantos exemplos práticos: “Penitência é o cumprimento exato do horário (...). És penitente quando te submetes amorosamente ao teu plano de oração, apesar de estares esgotado, sem vontade ou frio. Penitência é tratar sempre com a máxima caridade os outros (...), suportar com bom humor as mil pequenas contrariedades da jornada (...), comer com agradecimento o que nos servem, sem importunar ninguém com caprichos”[20].

Sabemos ao mesmo tempo que as ações meramente externas não contam para nada sem a graça de Deus. Não é possível identificar-nos com Cristo sem a sua ajuda: “*quia tibi sine te placere non possumus*, pois sem o vosso auxílio, não vos podemos agradar”[21]. Apoiados n’Ele, procuramos realizar estas obras “no oculto”, onde só vê nosso Pai Deus[22], retificando com frequência a intenção, e buscando de modo mais claro a glória de Deus e a salvação de todos. O apóstolo João escreve: “quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê”[23]. São palavras que convidam a um exame profundo, porque não é possível separar ambos os aspectos da caridade. Se nos sabemos contemplados por Ele, o sentido de nossa filiação divina irá

empapando a vida interior e o apostolado, com uma contrição mais confiada e filial, e com uma entrega sincera àqueles que nos rodeiam: familiares, colegas de trabalho, amigos.

O caminho penitencial por meio dos sacramentos

Em nossa luta diária contra a desordem do pecado, os sacramentos da Penitência e da Eucaristia são também momentos privilegiados. É lógico que a nossa penitência interior se aperfeiçoe graças à celebração do sacramento da Confissão. Depende muito das disposições do penitente, mesmo que o protagonismo seja de Deus, que nos leva à conversão. Por meio deste sacramento – verdadeira obra prima do Senhor[24] – percebemos *seubom fazer* com a nossa liberdade caída. São Josemaria apresentava assim o papel que nos corresponde: “Aconselho a todos que tenham como devoção (...) fazer muitos atos de contrição. E uma manifestação externa, prática, dessa devoção é ter um carinho particular pelo Santo Sacramento da Penitência”[25], no qual “nos revestimos de Jesus Cristo e dos seus merecimentos”[26].

A Quaresma é um momento maravilhoso para fomentar este “carinho particular” pela Confissão, vivendo-a nós em primeiro lugar, e ajudando muitas pessoas a aproximar-se deste sacramento.

Depois da absolvição que o sacerdote dá em nome de Deus, o Ritual propõe, entre outras fórmulas possíveis, uma bela oração de despedida do penitente: “A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, a intercessão da Virgem Maria e de todos os santos, tuas obras e a tua paciência, sirvam de remédio para os teus pecados, aumento de graça e prêmio da vida eterna. Vai em paz”[27]. É uma antiga oração na qual o sacerdote pede a Deus que estenda o fruto do sacramento à toda a vida do penitente, recordando de qual fonte emana sua eficácia: os méritos da Vítima inocente e de todos os Santos.

Como ocorreu com o filho mais novo da parábola, após o abraço de nosso Pai Deus somos admitidos no banquete[28]. Que alegria participar bem limpos na Eucaristia! “Ama muito o Senhor. Guarda na tua alma – e fomenta – esta urgência de querer-Lhe. Ama a Deus, precisamente agora, quando talvez bastantes dos que O têm em suas mãos não O amam, O maltratam e Lhe fazem pouco caso. Trata muito bem o Senhor, na Santa Missa e durante o dia todo!”[29].

Com a liturgia, a Igreja nos convida a percorrer com garbo o caminho da Quaresma. A celebração frequente dos sacramentos, a meditação assídua da Palavra de Deus e das obras penitenciais, sem que falte essa alegria – *Laetare Ierusalem!* – que o quarto domingo destaca especialmente[30], são práticas que afinam nossa alma, e nos preparam para participar com intensidade na Semana Santa, quando reviveremos os momentos cume da existência de Jesus na terra. “Temos de converter em vida nossa a vida e a morte de Cristo. Morrer pela mortificação e pela penitência, para que Cristo viva em nós pelo Amor. E seguir então os passos de Cristo, com ânsias de corredimir todas as almas”[31]. Contemplando ao Senhor que dá a vida por nós, bem purificados de nossos pecados, redescobriremos a alegria da salvação que Deus nos traz: “*Redde mihi laetitiam salutaris tui*, devolve-me a alegria de ser salvo”[32].

Alfonso Berlanga

- [1] Missal Romano, I Domingo da Quaresma, oração sobre as oferendas.
- [2] São Josemaria, *É Cristo que Passa*, n. 64.
- [3] Missal Romano, I Domingo da Quaresma, oração coleta.
- [4] *É Cristo que Passa*, n. 65
- [5] Sl 50 (51), 12.
- [6] Cfr. Dt 8, 2-5.
- [7] Cfr. Ex 15, 22 - 17, 7.
- [8] Dt 8, 2-3.
- [9] Pr 23, 26
- [10] Cfr. Nm 14, 20 ss.
- [11] Hb 4, 6-7. Cfr. Sl 94 (95), 7-8.
- [12] Hb 4, 9-10.
- [13] *É Cristo que Passa*, n. 58.
- [14] Notas de uma reunião familiar, 18-X-1972 (citado em A. Sastre Tempo de Caminhar, Rialp, Madrid 1989, p. 353).
- [15] Francisco, Angelus, 9-III-2014.
- [16] Jo 4, 5-42 (Lecionário, terceiro domingo da Quaresma, ciclo A).
- [17] Jo 9, 1-41 (*Ibidem*, quarto domingo da Quaresma, ciclo A).
- [18] Jo 11, 1-45 (*Ibidem*, quarto domingo da Quaresma, ciclo A).
- [19] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1434.
- [20] São Josemaria, Amigos de Deus, n. 138.
- [21] Missal Romano, Sábado da IV Semana de Quaresma, Oração Coleta.
- [22] Cfr. Mt 6, 6.
- [23] 1 Jo 4, 20.
- [24] Cfr. Catecismo da Igreja, n. 1116.
- [25] Apontamentos da pregação, 26-IV-1970 (citado em J. López y E. Burkhart, Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría, Rialp, Madrid 2013, vol. III, p. 377).
- [26] São Josemaria, Caminho, n. 310.
- [27] Ritual da Penitência, n. 104.
- [28] Cfr. Lc 15, 22-24.
- [29] São Josemaria, *Forja*, n. 438.

[30] Missal Romano, IV Domingo da Quaresma, antífona de entrada (cfr. Is 66, 10).

[31] São Josemaria, *Via Sacra*, XIV estação.

[32] Sl 50 (51), 14.

SEMANA SANTA

Amou-nos até o fim

A Semana Santa é o centro do ano litúrgico: revivemos, nesses dias, os momentos decisivos de nossa redenção. A Igreja nos conduz pela mão, com a sua sabedoria e a sua criatividade, do Domingo de Ramos até a Cruz e a Ressurreição.

No coração do ano litúrgico pulsa o Mistério Pascal, o Tríduo do Senhor crucificado, morto e ressuscitado. Toda a história da salvação gira ao redor destes dias santos, que passaram despercebidos para a maior parte dos homens, e que agora a Igreja celebra “do nascer ao pôr do sol”[1]. Todo o ano litúrgico, resumo da história de Deus com os homens, surge da *memória* que a Igreja conserva da *hora* de Jesus: quando, “tendo amado aos seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”[2].

A Igreja estende nesses dias a sua sabedoria maternal para nos introduzir nos momentos decisivos da nossa redenção. Se não oferecermos resistência, seremos levados: pelo recolhimento com o qual a liturgia da Semana Santa nos introduz na Paixão, pela unção com que nos move a velar junto ao Senhor, pela explosão de alegria que emana da Vigília da Ressurreição. Muitos dos ritos que vivemos nesses dias têm suas raízes em tradições muito antigas: sua força está aquilatada pela piedade dos cristãos e pela fé dos santos de dois milênios.

O Domingo de Ramos

O Domingo de Ramos é o pórtico que precede e prepara o Tríduo Pascal: “Neste umbral da Semana Santa, já tão próximos do momento em que se consumou sobre o Calvário a Redenção da humanidade inteira, parece-me particularmente apropriado que tu e eu consideremos os caminhos pelos quais Jesus Senhor Nosso nos salvou; que contemplemos o seu amor, verdadeiramente inefável, por umas pobres criaturas formadas com barro da terra”[3].

Quando os primeiros fiéis escutavam a proclamação litúrgica dos relatos evangélicos da Paixão e a homilia que o bispo pronunciava, reconheciam-se em uma situação bem diferente de quem assiste a uma mera representação: “para seus corações piedosos, não havia diferença entre escutar o que se havia proclamado e ver o que havia acontecido”[4]. Nos relatos da Paixão, a entrada de Jesus em Jerusalém é como a apresentação oficial que Senhor faz de si mesmo como o Messias desejado e esperado, fora do qual não há salvação. O seu gesto é o do Rei salvador que vem à sua casa. Dentre os seus, alguns não O receberam, mas outros sim, aclamando-o como o *Bendito* que vem em nome do Senhor[5].

O Senhor, sempre presente e atuante na Igreja, atualiza na liturgia, ano após ano, a solene entrada no “Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor”, como é chamado no Missal. Seu próprio nome insinua uma duplicidade de elementos: alguns triunfais,

outros dolorosos. “Neste dia – lê-se na rubrica – a Igreja recorda a entrada de Cristo, o Senhor, em Jerusalém para consumir seu Mistério pascal”[6]. Sua chegada está rodeada de aclamações e gritos de júbilo, mesmo que as multidões ainda não saibam para onde Jesus realmente se dirige, e encontrarão o escândalo da Cruz. Nós, no entanto, no tempo da Igreja, sabemos qual é a direção dos passos do Senhor: Ele entra em Jerusalém “para consumir seu mistério pascal”. Por isso, para o cristão que aclama a Jesus como Messias na procissão do domingo de Ramos, não é uma surpresa encontrar-se, a seguir, com o lado doloroso dos padecimentos do Senhor.

É ilustrativo o modo como a liturgia nos traduz esse jogo de trevas e de luz no desígnio divino: o Domingo de Ramos não reúne duas celebrações independentes, justapostas. O rito de entrada da missa é a própria procissão, e esta desemboca diretamente na coleta da missa. “Deus eterno e todo-poderoso – nos dirigimos ao Pai – quisestes que o nosso Salvador se fizesse homem e morresse na cruz”[7]: aqui tudo já fala do que vai acontecer nos próximos dias.

A Quinta-feira Santa

O Tríduo pascal começa com a Missa vespertina da Ceia do Senhor. A Quinta-feira Santa se encontra entre a Quaresma que termina e o Tríduo que começa. O fio condutor de toda a celebração deste dia, a luz que envolve tudo, é o Mistério pascal de Cristo, o próprio coração do acontecimento que se atualiza nos sinais sacramentais.

A ação sagrada se centra naquela Ceia em que Jesus, antes de se entregar à morte, confiou à Igreja o testamento do seu amor, o Sacrifício da Aliança eterna[8].

“Enquanto instituí a Eucaristia, como memorial perpétuo d’Ele e da sua Páscoa, Jesus colocava simbolicamente este ato supremo da Revelação sob a luz da misericórdia. No mesmo horizonte da misericórdia, viveu Ele a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz”[9]. A liturgia nos introduz de um modo vivo e atual nesse mistério da entrega de Jesus por nossa salvação. “É por isso que o Pai me ama: porque dou a minha vida. E assim, eu a recebo de novo. Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por própria vontade”[10]. O *fiat* do Senhor que dá origem à nossa salvação se faz presente na celebração da Igreja. Por isso a Coleta não vacila em nos incluir, usando o tempo presente, na Última Ceia: “*Sacratissiman, Deus, frequentantibus Cenam...*”, diz em latim, com a sua capacidade habitual de síntese: “estamos reunidos para a santa ceia”[11].

Este é “o dia santo em que nosso Senhor Jesus Cristo foi entregue por nós”[12]. As palavras de Jesus, “Eu vou, mas voltarei a vós” e “é bom para vós que eu vá. Se eu não for, o Defensor não virá a vós”[13] nos introduzem no misterioso vaivém entre a ausência e a presença do Senhor, que preside todo o Tríduo pascal e, a partir dele, toda a vida da Igreja. Por isso, nem a Quinta-feira Santa, nem os dias que se seguem, são dias de tristeza ou de luto: ver assim o Tríduo sacro equivaleria a retroceder à situação dos discípulos antes da Ressurreição. “A alegria da Quinta-Feira Santa nasce de compreendermos que o Criador se excedeu no carinho por suas criaturas”[14]. Para perpetuar no mundo este carinho infinito que se concentra na sua Páscoa, na sua passagem deste mundo ao Pai, Jesus se entrega totalmente a nós, com o seu Corpo e o

seu Sangue, em um novo memorial: o pão e o vinho, se convertem em “pão da vida” e “cálice da salvação”[15]. O Senhor ordena que, dali em diante, faça-se o mesmo que acaba de fazer, em sua memória[16], e nasce assim a Páscoa da Igreja, a Eucaristia.

Há dois momentos muito eloquentes da celebração, se os vemos na sua mútua relação: o lava-pés e a reserva do Santíssimo Sacramento. O lava-pés dos Doze anuncia, poucas horas da crucifixão, o amor maior: “o de dar a vida por seus amigos”[17]. A liturgia revive esse gesto, que surpreendeu os apóstolos, na proclamação do Evangelho e na possibilidade de lavar os pés de alguns fiéis. Ao concluir a Missa, a procissão para a reserva do Santíssimo Sacramento e a adoração dos fiéis revela a resposta amorosa da Igreja àquele inclinar-se humilde do Senhor sobre os pés dos Apóstolos. Esse tempo de oração silenciosa, que avança noite adentro, convida a relembrar a oração sacerdotal de Jesus no Cenáculo[18].

A Sexta-feira Santa

A liturgia da Sexta-feira Santa começa com a prostração dos sacerdotes, em vez do habitual beijo inicial. É um gesto de especial veneração ao altar, que se encontra desguarnecido, sem nada, recordando o Crucificado na hora da Paixão. Rompe o silêncio uma terna oração em que o celebrante apela às misericórdias de Deus – “Reminiscere miserationem tuarum, Domine” – e pede ao Pai a proteção eterna que o Filho nos conquistou com seu sangue, isto é, dando sua vida por nós[19].

Uma antiga tradição reserva para esse dia a proclamação da Paixão segundo São João como momento culminante da liturgia da Palavra. Nesse relato evangélico, aparece a impressionante majestade de Cristo que “se entrega à morte com a plena liberdade do Amor”[20]. O senhor responde com valentia aos que vêm prendê-lo: “Quando Jesus disse ‘Sou eu’, eles recuaram e caíram por terra”[21]. Mais adiante o ouvimos responder a Pilatos: “meu reino não é deste mundo”[22], e por isso o seu exército não luta para libertá-lo. “*Consummatum est*”[23]: o Senhor leva até o fim a fidelidade ao seu Pai, e assim vence o mundo[24].

Após a proclamação da Paixão e da oração universal, a liturgia dirige a sua atenção para o *Lignum Crucis*, a árvore da Cruz: o glorioso instrumento da redenção humana. A adoração da Santa Cruz é um gesto de fé e de proclamação da vitória de Jesus sobre o demônio, o pecado e a morte. Com Ele, nós os cristãos vencemos, porque “esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé”[25].

A Igreja envolve a Cruz de honra e reverência: o bispo se aproxima para beijá-la sem casula e sem anel[26]. Após ele, segue a adoração dos fiéis, enquanto os cantos celebram seu caráter vitorioso: “Adoramos, Senhor, vosso madeiro/vossa ressurreição nós celebramos./ Veio alegria para o mundo inteiro/por esta cruz que hoje veneramos!”[27]. É uma misteriosa conjunção de morte e de vida na qual Deus quer que nos submerjamos: “Umás vezes, renovamos o gozoso impulso que levou o Senhor a Jerusalém. Outras, a dor da agonia que concluiu no Calvário... Ou a glória do seu triunfo sobre a morte e o pecado. Mas, sempre!, o amor – gozoso, doloroso, glorioso – do Coração de Jesus Cristo”[28].

O Sábado Santo e a Vigília Pascal

Um texto anônimo da antiguidade cristã recolhe, condensado, o mistério que a Igreja comemora no Sábado Santo: a descida de Cristo à mansão dos mortos. “Que está acontecendo hoje? Um grande silêncio reina sobre a Terra. Um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio porque o Rei está dormindo; a Terra estremeceu e ficou silenciosa, porque o Deus feito Homem adormeceu e acordou os que dormiam havia séculos. Deus morreu na carne e despertou a mansão dos mortos”[29]. Do mesmo modo que vemos Deus descansar ao final de sua obra criadora no Gênesis, o Senhor repousa agora de fadiga redentora. Pois a Páscoa, que está por surgir definitivamente no mundo, é “a festa da nova criação”[30]: ao Senhor custou-lhe a vida devolver-nos a Vida.

“Um pouco de tempo, e não mais me vereis; e mais um pouco, e me vereis de novo”[31]: assim o Senhor dizia aos Apóstolos na véspera da sua Paixão. Enquanto esperamos sua volta, meditamos em sua descida às trevas da morte, nas quais ainda estavam submersos aqueles justos da antiga Aliança. Cristo, portando em sua mão o sinal libertador da Cruz, põe fim ao seu sono e os introduz na luz do novo Reino: “Acorda, tu que dormes, porque não te criei para permaneceres na mansão dos mortos”[32]. Das abadias carolíngias do século VIII, se propagará pela Europa a comemoração deste grande Sábado: o dia da espera da Ressurreição, intensamente vivida pela Mãe de Jesus, de onde provém a devoção da Igreja a Santa Maria aos sábados. Agora, mais do que nunca, Ela é a *stella matutina*[33], a estrela da manhã que anuncia a chegada do Senhor: o *Lucifer matutinus*[34], o sol que vem do alto, *oriens ex alto*[35].

Na noite deste grande Sábado, a Igreja se reúne na mais solene de suas vigílias para celebrar a Ressurreição do Esposo, inclusive até as primeiras horas da madrugada. Essa celebração é o núcleo fundamental da liturgia cristã ao longo de todo o ano. Uma grande variedade de elementos simbólicos expressa a passagem das trevas para a luz, da morte para a vida nova na Ressurreição do Senhor: o fogo, o círio, a água, o incenso, a música e os sinos...

A luz do círio é sinal de Cristo, luz do mundo, que irradia e inunda tudo; o fogo é o Espírito Santo, aceso por Cristo nos corações dos fiéis; a água significa o caminho para a vida nova em Cristo, fonte da vida; o *aleluia* pascal é o hino dos peregrinos a caminho para a Jerusalém do céu; o pão e o vinho da Eucaristia são penhor do banquete escatológico com o Ressuscitado. Enquanto participamos da Vigília Pascal, reconhecemos com o olhar da fé que a assembleia santa é a comunidade do Ressuscitado; que o tempo é um tempo novo, aberto *aohoje* definitivo de Cristo glorioso: “*haec est dies, quam fecit Dominus*”[36], este é o dia novo que o Senhor inaugurou, o dia “que não conhece fim”[37].

Felix María Arocena

[1] *Missal Romano*, Oração Eucarística III.

[2] Jo 13, 1.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 110.

[4] São Leão Magno, *Sermo de Passione Domini* 52, 1 (CCL 138, 307).

- [5] Cfr. *Mt* 21,9.
- [6] *Missal Romano*, Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, n. 1.
- [7] *Missal Romano*, Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, Oração Coleta
- [8] Cfr. *Missal Romano*, Missa vespertina da Ceia do Senhor, Quinta-feira Santa, Coleta.
- [9] Francisco, Bula *Misericordiae Vultus*, 11-IV-2015, n. 7.
- [10] *Jo* 10, 17-18.
- [11] *Missal Romano*, Missa vespertina da Ceia do Senhor, Quinta-feira Santa, Coleta.
- [12] *Missal Romano*, Missa vespertina da Ceia do Senhor, Quinta-feira Santa, *Comunicantes* próprio.
- [13] *Jo* 14, 28; *Jo* 16, 7.
- [14] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 84.
- [15] *Missal Romano*, ofertório.
- [16] Cfr. *1 Cor* 11, 23-25.
- [17] Cfr. *Jo* 15, 13.
- [18] Cfr. *Jo* 17.
- [19] Cfr. *Missal Romano*, Celebração da Paixão do Senhor, Sexta-feira Santa, oração inicial.
- [20] São Josemaria, *Via Sacra*, X estação.
- [21] *Jo* 18, 6.
- [22] *Jo* 18, 36.
- [23] *Jo* 19, 30.
- [24] Cfr. *Jo* 16, 33.
- [25] *1 Jo* 5, 4
- [26] Cfr. *Cerimonial dos bispos*, nn. 315. 322.
- [27] *Missal Romano*, Celebração da Paixão do Senhor, Sexta-feira Santa, n. 20.
- [28] São Josemaria, *Via Sacra*, 14,3.
- [29] Homilia sobre o grande e santo Sábado (PG 43, 439).
- [30] Bento XVI, Homilia da Vigília Pascal, 7-IV-2012.
- [31] *Jo* 16, 16.
- [32] Homilia sobre o grande e santo Sábado (PG 43, 439).
- [33] *Ladainha Lauretana* (cfr. Si 50, 6).

[34] *Missal Romano*, Vigília Pascal, Precônio Pascal.

[35] Liturgia das Horas, Hino *Benedictus* (*Lc* 1,78)

[36] *Sl* 117 (118), 24.

[37] Cfr. *Missal Romano*, Vigília Pascal, Precônio Pascal.

PÁSCOA

Ressuscitei e sempre estou contigo

O tempo da Páscoa, explosão de alegria, se estende desde a vigília Pascal até o domingo de Pentecostes. Nesses cinquenta dias a Igreja nos envolve em sua alegria pela vitória do Senhor sobre a morte. Cristo vive, e vem ao nosso encontro.

“Vinde, benditos de meu Pai: tomai posse do reino preparado para vós desde o princípio do mundo, aleluia”[1]. O tempo pascal é uma antecipação da felicidade que Jesus Cristo ganhou para nós com a sua vitória sobre a morte. O Senhor “foi entregue por nossos pecados” e ressuscitou “para nossa justificação”[2]: para que, permanecendo n’Ele, nossa alegria seja completa[3].

No conjunto do Ano litúrgico, o tempo pascal é o “tempo forte” por antonomásia, porque a mensagem cristã é anúncio alegre que surge com força da salvação realizada pelo Senhor em sua “páscoa”, sua passagem da morte à vida nova. “O tempo pascal é tempo de alegria, de uma alegria que não se restringe a esta época do ano litúrgico, mas que habita sempre no coração do cristão. Porque Cristo vive. Não é Cristo uma figura que passou, que existiu num tempo e que se retirou, deixando-nos uma lembrança e um exemplo maravilhosos”[4].

O que só algumas “testemunhas designadas de antemão por Deus”[5] puderam experimentar nas aparições do Ressuscitado, agora nos é dado na liturgia, que nos faz reviver esses mistérios. Como pregava o Papa São Leão Magno, “todas as coisas relativas a nosso Redentor que antes eram visíveis, agora passaram a ser ritos sacramentais”[6]. É expressivo o costume dos cristãos do Oriente que, conscientes dessa realidade, desde a manhã do domingo da Ressurreição se cumprimentam reciprocamente: “*Christos anestē*”, Cristo ressuscitou; “*alethōs anestē*”, verdadeiramente ressuscitou.

A liturgia latina, que na noite santa do sábado transbordava de alegria no *Exultet*, no domingo de Páscoa condensa esta alegria no belo intróito *Resurrexi*: “Ressuscitei, ó Pai, e sempre estou contigo: pousaste sobre mim a tua mão, tua sabedoria é admirável”[7]. Pomos nos lábios do Senhor, delicadamente, em clima de calorosa oração filial ao Pai, a experiência inefável da ressurreição, vivida por Ele nas primeiras horas do domingo. Assim nos animava São Josemaria, na sua pregação, a aproximarmo-nos de Cristo, com a consciência de que vivemos no *Seu* tempo: “Quis recordar, embora brevemente, alguns dos aspectos dessa vida atual de Cristo – *Iesus Christus heri et hodie, ipse et in saecula*, Jesus Cristo ontem e hoje, o mesmo pelos séculos – por nela se achar o fundamento de toda a vida cristã”[8]. O Senhor quer que O tratemos e falemos d’Ele, não no passado, como se faz com uma lembrança, mas percebendo o seu “hoje”, a sua atualidade, a sua companhia viva.

Os cinquenta dias pascais

Muito antes de que existisse a Quaresma e outros tempos litúrgicos, a comunidade cristã já celebrava esses cinquenta dias de alegria. Quem não expressasse seu júbilo durante esses dias era considerado como alguém que não tinha captado o núcleo da fé, porque “com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria”[9]. Essa festa, tão prolongada, nos indica até que ponto “os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que há de ser revelada em nós”[10]. Nesse tempo, a Igreja vive já a alegria que Senhor lhe revela: algo que “olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais pressentiu”[11].

Esse sentido escatológico, de antecipação do céu, reflete-se há séculos no costume litúrgico de suprimir as leituras do Antigo Testamento durante o tempo pascal. Se toda a Antiga Aliança é preparação, o Tempo Pascal celebra a realidade do reino de Deus já presente. Tudo se renovou na Páscoa, e ali não cabe figura, pois tudo é cumprimento. Por isso, no tempo pascal a liturgia proclama, junto ao quarto Evangelho, os Atos dos Apóstolos e o livro do Apocalipse: livros luminosos que têm uma especial afinidade com a espiritualidade desse tempo.

Os escritores do Oriente e do Ocidente cristãos contemplaram o conjunto do Tempo Pascal como um único e extenso dia de festa. Por isso, os domingos desse tempo não se chamam segundo, terceiro, quarto... *depois da Páscoa*, mas, simplesmente, domingos *da Páscoa*. Todo o tempo pascal é como um só grande domingo; o domingo que fez com que todos os domingos fossem domingos. Do mesmo modo se considera o domingo de Pentecostes, que não é uma nova festa, mas o dia conclusivo da grande festa da Páscoa.

Quando a Quaresma chegava, alguns hinos da tradição litúrgica da Igreja recitavam o *aleluia* com um tom de despedida. Pelo contrário, a liturgia pascal se entretém neste canto, porque o *aleluia* é a antecipação *docântico novo* que os batizados entoarão no céu[12], que já agora se sabem ressuscitados com Cristo. Por isso, durante o tempo pascal, tanto o estribilho do salmo responsorial como o final das antífonas da Missa repetem frequentemente essa aclamação, que une o imperativo do verbo hebreu *hallal* – louvar – e *Yahveh*, o nome de Deus.

“Feliz aquele *aleluia* que entoaremos ali! – diz Santo Agostinho em uma homilia – Será um *aleluia* seguro e sem temor, porque ali não haverá nenhum inimigo, não se perderá nenhum amigo. Lá, como aqui, ressoarão os louvores divinos, mas os daqui procedem dos que ainda estão em dificuldades, enquanto os de lá são dos que já estão em segurança. Aqui, dos que hão de morrer. Lá, dos que hão de viver para sempre. Aqui, dos que esperam. Lá, dos que já possuem. Aqui, dos que ainda estão no caminho. Lá, dos que já chegaram à pátria”[13]. São Jerônimo conta que durante os primeiros séculos na Palestina, esse grito era tão habitual que aqueles que aravam os campos diziam de vez em quando: *aleluia!* E os que remavam nas barcas para transportar os viajantes de uma margem a outra de um rio, quando se cruzavam, exclamavam: *aleluia!* “Nestas semanas do tempo pascal, a Igreja é embargada por um júbilo profundo e sereno, que nosso Senhor quis deixar como herança para todos os cristãos (...). Um contentamento

cheio de conteúdo sobrenatural que nada nem ninguém poderá tirar-nos, se nós não o permitirmos”[14].

A oitava da Páscoa

“Os oito primeiros dias do tempo pascal formam a oitava da Páscoa e são celebrados como solenidades do Senhor”[15]. Antigamente, durante esta oitava o bispo de Roma celebrava as *stationes*, para introduzir os cristãos recém batizados no triunfo daqueles santos especialmente significativos para a vida cristã de Roma. Era uma certa “geografia da fé”, na qual a Roma cristã aparecia como uma reconstrução da Jerusalém do Senhor. Visitavam-se várias basílicas romanas: a *statio* da vigília da Páscoa ocorria em São João de Latrão, o domingo, em Santa Maria Maior, a segunda, em São Pedro do Vaticano, a terça, em São Paulo Extramuros, a quarta, em São Lourenço Extramuros, a quinta, na Basílica dos Santos Apóstolos, a sexta, em Santa Maria *ad martyres*, e o sábado, novamente, em São João de Latrão.

As leituras desses dias se relacionavam com o lugar da celebração. Assim, por exemplo, a *statio* de quarta se celebrava na Basílica de São Lourenço Extramuros. Ali o evangelho que se proclamava era a passagem das brasas[16], em alusão à tradição popular romana, que relata como o diácono Lourenço foi martirizado sobre uma grelha. O sábado da oitava era o dia em que os neófitos depunham a alva com a qual se haviam revestido em seu batismo durante a vigília pascal. Por isso, a primeira leitura era a exortação de Pedro que começa com as palavras “*deponentes igitur omnem malitiam...*”[17]: despojai-vos de toda maldade.

Os Padres da Igreja falavam com frequência do domingo como “oitavo dia”. Situado fora da sucessão dos sete dias, o domingo evoca o início do tempo e seu final no tempo futuro[18]. Por isso, os antigos batistérios, como o de São João de Latrão, tinham forma octogonal: os catecúmenos saíam da fonte batismal para iniciar a sua vida nova, aberta já no oitavo dia, o domingo que não acaba. Assim, cada domingo nos recorda que nossa vida transcorre dentro do tempo da Ressurreição.

Ascensão e Pentecostes

“Com a sua Ascensão, o Senhor ressuscitado atrai o olhar dos Apóstolos – e também o nosso – às alturas do Céu para nos mostrar que a meta do nosso caminho é o Pai”[19]. Começa o tempo de uma presença nova do Senhor: parece que está mais escondido, mas de certo modo está mais perto de nós: começa o tempo da liturgia, que é toda uma grande oração ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, uma oração “em caudal manso e largo”[20].

Jesus desaparece da vista dos apóstolos, que talvez fiquem silenciosos no princípio. “Não sabemos se perceberam naquele momento o fato de que precisamente diante deles se estava abrindo um horizonte magnífico, infinito, o ponto de chegada definitivo da peregrinação terrena do homem. Talvez o tenham compreendido só no dia de Pentecostes, iluminados pelo Espírito Santo”[21].

“Deus eterno e todo-poderoso, que quisestes incluir o sacramento da Páscoa no mistério dos cinquenta dias...”[22]. A Igreja nos ensina a reconhecer nessa cifra a

linguagem expressiva da revelação. O número cinquenta tinha duas cadências importantes na vida religiosa de Israel: a festa de Pentecostes, sete semanas após se começar a **ceifar o trigo**, e a festa do jubileu que declarava santo o quinquagésimo ano: um ano dedicado a Deus no qual cada um recuperava sua propriedade, e podia regressar à sua família[23]. No tempo, da Igreja, o “sacramento da Páscoa” inclui os cinquenta dias após a Ressurreição do Senhor, até a vinda do Espírito Santo no Pentecostes. Se, com a linguagem da liturgia, a Quaresma significa a conversão a Deus com toda a nossa alma, com toda a nossa mente, com todo o nosso coração, a Páscoa significa nossa vida nova de “corressuscitados” com Cristo. “*Igitur, si consurrexistis Christo, quæ sursum sunt quærite*: Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus”[24].

Ao final desses cinquenta dias, “chegamos ao cume dos bens e à metrópole de todas as festas”[25], pois, inseparável da Páscoa, é como a “Mãe de todas as festas”. “Somai todas as vossas festas – dizia Tertuliano aos pagãos de seu tempo – e não chegareis aos cinquenta dias de Pentecostes”[26]. Pentecostes é, pois, um domingo conclusivo, de plenitude. Nessa Solenidade, vivemos com admiração como Deus, por meio do dom da liturgia, atualiza a doação do Espírito que se realizou no amanhecer da Igreja nascente.

Se na Ascensão Jesus “subiu aos céus para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade”[27], agora, no dia de Pentecostes, o Senhor, sentado à direita do Pai, comunica sua vida divina à Igreja mediante a infusão do Paráclito, “fruto da cruz”[28]. São Josemaria vivia e nos animava a viver com este sentido de presente perene: “Ajuda-me a pedir um novo Pentecostes, que abraça outra vez a terra”[29].

Compreende-se também por isso que São Josemaria quisesse começar alguns meios de formação da Obra rezando uma oração tradicional da Igreja que se encontra, por exemplo, na Missa votiva do Espírito Santo: “*Deus, qui corda fidelium Sancti Spiritus illustratione docuisti, da nobis in eodem Spiritu recta sapere, et de eius semper consolatione gaudere*”[30]. Com palavras da liturgia, imploramos a Deus Pai que o Espírito Santo nos faça capazes de apreciar, de *saborear*, o sentido das coisas de Deus e pedimos também que disfrutemos do consolo alentador do “Grande Desconhecido”[31]. Porque “o mundo necessita da coragem, da esperança, da fé e da perseverança dos discípulos de Cristo. O mundo precisa dos frutos, dos dons do Espírito Santo, como elenca São Paulo: “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gal 5, 22). O dom do Espírito Santo foi concedido em abundância à Igreja e a cada um de nós, para podermos viver com fé genuína e caridade operosa, para podermos espalhar as sementes da reconciliação e da paz.”[32]

Félix María Arocena

[1] *Missal Romano*, Quarta-feira da Oitava da Páscoa, Antífona de entrada, Cfr. *Mt* 25, 34.

[2] *Rm* 4, 25.

[3] Cfr. *Jo* 15, 9-11.

[4] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 102.

- [5] *At* 10, 41.
- [6] São Leão Magno, *Sermão* 74, 2 (PL 54, 398).
- [7] *Missal Romano*, Domingo da Ressurreição, Antífona de entrada. Cfr. *Sl* 138 (139), 18.5-6.
- [8] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 104. Cfr. *Hb*13, 8.
- [9] Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, n. 1.
- [10] *Rm* 8, 18.
- [11] *1 Cor* 2, 9.
- [12] Cfr. *Ap* 5,9
- [13] Santo Agostinho, *Sermão* 256, 3 (PL 38, 1193).
- [14] Álvaro del Portillo, *Caminhar com Jesus*, Quadrante, São Paulo, 2016, pp. 225-226.
- [15] *Missal Romano*, Normas universais do ano litúrgico, 24.
- [16] *Jo* 21, 9.
- [17] *1 Pd* 2, 1.
- [18] Cfr. São João Paulo II, Carta Apostólica *Dies Domini*, 31-V-1998, n. 26.
- [19] Francisco, *Regina Coeli*, 1-VI-2014.
- [20] *Caminho*, 145.
- [21] Bento XVI, *Homilia*, 28-V-2006.
- [22] *Missal Romano*, Vigília do Domingo de Pentecostes, coleta.
- [23] Cfr. *Lv* 23, 15-22; *Nm* 28, 26-31; *Lv* 25, 1-22.
- [24] *Cl* 3, 1.
- [25] São João Crisóstomo, *Homilia II de Sancta Pentecoste* (PG 50, 463).
- [26] Tertuliano, *De idolatria* 14 (PL 1, 683).
- [27] *Missal Romano*, Ascensão do Senhor, prefácio.
- [28] *É Cristo que passa*, n. 96.
- [29] São Josemaria, *Sulco*, n. 213.
- [30] *Missal Romano*, Missa votiva do Espírito Santo, coleta.
- [31] Cfr. *É Cristo que passa*, nn. 127-138.
- [32] Francisco, *Homilia na Solenidade de Pentecostes*, 24-V-2015.

TEMPO COMUM (1)

O tempo de uma presença

Neste editorial dedicado às festas do Senhor que a Igreja nos apresenta ao longo do Tempo comum, recolhemos algumas considerações de quatro delas: a Apresentação e a Anunciação do Senhor, a Santíssima Trindade e o Corpus Christi.

“Como agora eu, que vim a vós em nome do Senhor, vos encontrei em vigília em seu nome, assim o próprio Senhor, em cuja honra celebramos esta solenidade, encontrará a sua Igreja velando na luz da alma, quando vier despertá-la”[1]. Velar na luz da alma: estas palavras de Santo Agostinho, pronunciadas durante uma vigília pascal, resumem bem o sentido das grandes solenidades e festas do Senhor que marcam o Tempo Comum, desdobrando, ao longo de todo o ano, o mistério da salvação que brota da Cruz, emana do Sepulcro vazio e renova a face da terra.

“O único e idêntico centro da liturgia e da vida cristã –o mistério pascal –adquire então, nas diversas solenidades e festas, "formas" específicas, com ulteriores significados e com particulares dons da graça”[2]. As festas da Transfiguração e da Exaltação da Santa Cruz são comuns a todas as tradições litúrgicas, enquanto que as solenidades da Santíssima Trindade, do Santíssimo Corpo de Cristo, do Sagrado Coração de Jesus e de Cristo, Rei do Universo são próprias da Igreja romana.

Por último, duas festas profundamente vinculadas com a vida de Maria, a Apresentação de Jesus no Templo e a solenidade da Anunciação do Senhor, celebram-se também dentro do Tempo comum. Por seu teor teológico, ambas pertencem, na realidade, ao ciclo de Manifestação ou Tempo de Natal, mas seu lugar no calendário se deve ao modo pelo qual, por caminhos complexos, se acabou fixando sua data.

A APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO

A lei mosaica prescrevia que todo primogênito de Israel devia ser consagrado a Deus quarenta dias depois de nascer e ser resgatado com uma soma oferecida ao tesouro do Templo. Tratava-se de lembrar como os primogênitos foram preservados na noite da primeira Páscoa, durante a saída de Egito. O Evangelho de São Lucas recolhe a apresentação de Jesus no Templo desta forma: “Concluídos os dias da sua purificação da mãe e do filho, segundo a Lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém para o apresentar ao Senhor, conforme o que está escrito na lei do Senhor: Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor”[3]. São José e Nossa Senhora entram no templo, despercebidos entre a multidão: o Esperado por todos os homens entra inermemente, no colo de sua Mãe, na casa de seu Pai. A liturgia desse dia nos desperta com o salmo responsorial, para que adoremos o Rei da Glória no seio desta discreta família. “Ó portas, levantai vossos frontões! Elevai-vos bem mais alto, antigas portas, a fim de que o rei da glória possa entrar!”[4]

Foi no século IV que a Igreja de Jerusalém começou a celebrar anualmente esse mistério. A festa era celebrada no dia 14 de fevereiro, quarenta dias depois da Epifania, porque a liturgia de Jerusalém ainda não tinha adotado o costume romano de celebrar o Natal no dia 25 de dezembro. Por isso, quando este uso se tornou comum em toda a orbe cristã, a festa da Apresentação foi trasladada para o dia 2 de fevereiro e assim se estendeu por todo o Oriente. Em Bizâncio, foi introduzida pelo imperador Justiniano I, no século VI, sob a avocação de *Hypapante* ou o *encontro* de Jesus com o ancião Simeão, figura dos justos de Israel, que pacientemente tinha esperado por um longo tempo o cumprimento das promessas messiânicas.

Durante o século VII, a celebração arraigou-se também no Ocidente. O nome popular de *candelária* ou *festa da luz* provem da tradição de fazer uma procissão com velas, instituída pelo Papa Sérgio I. Como proclama o ancião Simeão, Jesus é o Salvador, apresentado “diante de todos os povos, como luz para iluminar as nações”.^[5] A Igreja, ao celebrar a vinda e manifestação da luz divina ao mundo, benze as velas todos os anos, como símbolo da perene presença de Jesus e da luz da fé que os fiéis recebem pelo sacramento do Batismo. Assim, a procissão com as velas acesas se converte em uma expressão da vida cristã: um caminho iluminado pela luz de Cristo.

A comemoração anual da Apresentação de Jesus no Templo é também uma celebração mariana. Por isso, em determinadas épocas, foi conhecida como festa da Purificação de Maria. Ainda que preservada por Deus do pecado original, Maria, como mãe hebreia, quer se submeter à Lei do Senhor e por isso oferece “**um par de rolas ou dois pombinhos**”.^[6] A oblação de Maria se converte assim em um sinal da sua obediência pronta aos mandatos de Deus. “Aprenderás com este exemplo, menino bobo, a cumprir a Santa Lei de Deus, apesar de todos os sacrifícios pessoais?”^[7]

A ANUNCIAÇÃO DO SENHOR

No dia 25 de março, a Igreja celebra o anúncio do cumprimento das promessas de salvação. Maria conhece, dos lábios do Anjo, que achou graça diante de Deus. Pela ação do Espírito Santo, conceberá um filho que será chamado Filho de Deus. Salvará o seu povo e se elevará sobre o trono de Davi e o seu reino não terá fim^[8]. É a festa da Encarnação: o Filho eterno do Pai entra na história. Faz-se homem na carne de Maria, uma moça humilde do povo de Israel. Desde então, “a história não é mais uma simples sucessão de séculos, anos, dias, mas sim o tempo de uma presença que lhe dá pleno significado e abertura a uma sólida esperança”^[9].

É provável que, no século IV, essa festa já fosse celebrada na Palestina, pois naquelas datas se levantou uma basílica em Nazaré, no lugar onde a tradição colocava a casa de Maria. Esse forte traço mariano pode ser percebido no nome que a celebração também recebeu: *Anunciação à Virgem Maria*. Muito brevemente, durante o século V, a festa será difundida pelo oriente cristão, para depois ser transmitida ao Ocidente. Na segunda metade do século VII, já há testemunhas de sua celebração na Igreja romana, no dia 25 de março, sob a avocação de *Annuntiatio Domini*.

A data escolhida para a festa parte de uma antiga tradição que colocava a criação do mundo no dia preciso do equinócio da primavera (que no início da era cristã

correspondia ao dia 25 de março do calendário juliano). De acordo com a ideia de que a perfeição implica no cumprimento de ciclos completos, os primeiros cristãos consideraram que a encarnação de Cristo (começo da nova criação), a sua morte na cruz, e a sua vinda definitiva no final dos tempos, deviam ser situados nessa mesma data, que, dessa forma, aparece carregada de sentido. Além disso, o lugar preciso do Natal no calendário – nove meses depois da Anunciação –, parece ter sua origem nessa primitiva datação.

Os textos da Missa e da Liturgia das Horas dessa solenidade focam-se na contemplação do Verbo feito carne. O salmo 39 (40) evocado na antífona de entrada, no salmo responsorial e na segunda leitura é o fio condutor de toda celebração: “Eis que venho fazer a vossa vontade, Senhor!”[10]. Jesus se encarna por obediência ao querer de seu Pai; e, sua mãe atua da mesma forma. Maria se turba, mas não põe objeções: não duvida da palavra do anjo. Movida pela fé, diz “sim” à vontade de Deus. “Maria manifesta-se santamente transformada, no seu coração puríssimo, em face da humildade de Deus: (...). A humildade da Virgem é consequência desse abismo insondável de graça, que se opera com a Encarnação da Segunda Pessoa da Trindade Beatíssima nas entranhas de sua Mãe sempre Imaculada”[11].

A SANTÍSSIMA TRINDADE

No primeiro domingo depois de Pentecostes, a Igreja celebra a solenidade da Santíssima Trindade. Nesse dia, glorificamos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, Deus uno, trino em pessoas: “ao proclamar nossa fé na verdadeira e eterna Divindade, adoramos três Pessoas distintas, de única natureza e iguais em dignidade”[12]. “Ouvistes-me dizer muitas vezes que Deus está no centro de nossa alma em graça. Portanto, todos temos uma linha direta com Deus Nosso Senhor. De que valem todas as comparações humanas, com essa realidade divina, maravilhosa? No outro lado da linha esperando por nós está, não só o Grande Desconhecido, mas a Trindade inteira: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (...). É uma pena que os cristãos nos esqueçamos de que somos trino da Trindade Santíssima. Aconselho-vos que desenvolvais o costume de procurar a Deus no mais profundo de vosso coração. Isso é a vida interior”[13].

Ainda que essa festa tenha sido introduzida no calendário romano em meados do século XIV, suas origens se remontam ao período patrístico. Já São Leão Magno costumava desenvolver a doutrina sobre o mistério trinitário durante o período de Pentecostes. Algumas das suas expressões aparecerão recolhidas mais tarde no prefácio da Missa do domingo da oitava de Pentecostes. Sucessivamente, no reino franco, será composta uma Missa da Santíssima Trindade que conhecerá uma primeira difusão por todo o Ocidente, talvez como um meio para ensinar, assiduamente, ao povo cristão a verdadeira fé em Deus.

Porém, a Igreja Romana não definiu uma festa especial no calendário para a Santíssima Trindade, porque as invocações ao Deus uno e trino e as doxologias já lhe dão um lugar central na liturgia. Esta situação não impediu que algumas dioceses ou comunidades monásticas celebrassem anualmente uma festa litúrgica trinitária, ainda

que a data não fosse uniforme. Seria o Papa João XXII quem, finalmente, em 1334, introduziria no calendário romano a festa da Santíssima Trindade, no domingo anterior ao domingo de Pentecostes. Por outra parte, ainda que as Igrejas do Oriente cristão não tenham estabelecido uma festa específica, dedicam a maior parte dos cantos do domingo de Pentecostes a contemplar o mistério trinitário.

O SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO

A solenidade do Corpo e Sangue de Cristo (o dia de *Corpus Christi*) nasce na Idade Média, fruto da piedade eucarística e da reafirmação dos dogmas depois de várias controvérsias teológicas. A festa foi celebrada pela primeira vez em Liège, Bélgica, no ano de 1247, a pedido da Santa Juliana de Mont Cornillon, religiosa que dedicou grande parte da sua vida a promover a devoção ao santo Sacramento do altar. Em 1264, o Papa Urbano IV, impressionado pelo milagre eucarístico de Bolsena – testemunhado em pedra pelo monumental domo de Orvieto, que é como um grande relicário – instituiu, com caráter universal, a solenidade em honra do Santíssimo Sacramento para a quinta-feira posterior à oitava de Pentecostes. A bula de instituição da festa apresenta, em apêndice, os textos da Missa e do Ofício do dia, redigidos, segundo a tradição, por São Tomás de Aquino. A antífona *O sacrum convivium* das segundas vésperas da festa, sintetiza de modo admirável a fé da Igreja, o *mysterium fidei*: “Ó Sagrado banquete em que se recebe Cristo! Renova-se a memória de sua Paixão e a alma se enche de graça e nos é dada o penhor da glória futura”[14]. “Cada um de nós – dizia o papa nessa solenidade – pode se perguntar: e eu? Onde quero comer? Em que mesa quero me alimentar? Na mesa do Senhor? Ou sonho com comer gostosos manjares, mas na escravidão? Além disso, cada um de nossos pode se perguntar: qual é a minha lembrança? A do Senhor que me salva ou a do alho e das cebolas da escravidão? Com que lembrança sacio a minha alma?”[15].

Como essa festa gira em torno da adoração do Santíssimo Sacramento e a fé na presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas, é lógico que, já no século XIV, surgisse o costume de acompanhar o Senhor sacramentado pelas ruas das cidades. Anteriormente, o Santíssimo tinha presidido a procissão dos ramos no domingo de ramos, ou sido trasladado solenemente na manhã de Páscoa, a partir do “monumento” ou “sepulcro” até o tabernáculo principal do templo. *A procissão do Corpo de Cristo* como tal será definitivamente acolhida em Roma, no século XV. Graças a Deus, nos últimos anos estamos assistindo a um reflorescimento dessa devoção também nos lugares em que ela tinha desaparecido durante séculos. Fazemos nossos os sentimentos de São Josemaria na festa de Corpus Christi de 1971: “enquanto celebrava a Missa hoje de manhã, disse a Nosso Senhor com o pensamento: eu te acompanho em todas as procissões do mundo, em todos os Sacrários onde te honram, e em todos os lugares onde estejas e não te honrem”[16].

[1] Santo Agostinho, *Sermão 223 D* (PL *Supplementum* 2, 717-718).

[2] Bento XVI, *Homilia*, 31-V-2009.

[3] Lc. 2,22-23.

[4] Salmo 23 (24), 7.

[5] Lc. 2,32.

[6] Lc. 2,24.

[7] *Santo Rosário*, IV mistério gozoso.

[8] Cfr. Lc 1, 26-33.

[9] Bento XVI, *Audiência*, 12-XII-2012.

[10] Cfr. Sl 39 (40), 8-9.

[11] *Amigos de Deus*, n. 96.

[12] *Missal Romano*, Prefácio da Missa da solenidade da Santíssima Trindade.

[13] São Josemaria, Anotações de sua pregação, 8-XII-1972.

[14] Antífona *ad Magnificat*, Vésperas II da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo.

[15] Francisco, *Homilia*, 19-VI-2014 (cfr. *Núm* 11, 4-6)

[16] Javier Echevarría, *Recordações sobre Monsenhor Escrivá*.

Celebrar o mistério inesgotável do Senhor

Neste editorial sobre as festas do tempo Comum são comentadas as solenidades do Sagrado Coração de Jesus, a Transfiguração do Senhor, a Exaltação da Santa Cruz e Cristo Rei.

Por meio das diversas solenidades do Senhor que a liturgia nos propõe ao longo do ano, podemos contemplar, de várias formas, o inesgotável mistério de Deus, deixando que a sua luz banhe nossa existência cristã no mundo. No centro do ano litúrgico, se encontra a Páscoa que, de certo “se prolonga durante três meses – primeiro os quarenta dias da Quaresma e depois os cinquenta dias do Tempo pascal”, seguida de “três festas que têm um caráter ‘sintético’: a Santíssima Trindade, o Corpus Christi e, por último, o Sagrado Coração de Jesus”[1]. Tratamos as duas primeiras comemorações no editorial anterior: agora contemplaremos a solenidade do Sagrado Coração, para continuar com a Transfiguração, a Exaltação da Santa Cruz e concluir com a festa de Cristo Rei.

O Sagrado Coração de Jesus

Na sexta-feira após o segundo domingo depois de Pentecostes, a Igreja dirige o seu olhar ao lado aberto de Cristo na Cruz, expressão do amor infinito de Deus pelos homens e manancial de onde brotam os seus sacramentos. A contemplação desta cena alimentou a devoção dos cristãos desde os primeiros séculos, pois aí encontraram uma fonte contínua de paz e segurança nas dificuldades. A mística cristã nos convida a abriremos ao Coração do Verbo Encarnado: “Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus”[2].

A piedade popular do final da Idade Média desenvolveu uma veneração profunda e expressiva da Humanidade Santíssima de Cristo sofrendo na Cruz. Difundiuse assim o culto da coroa de espinhos, dos cravos, das chagas... e ao Coração aberto, síntese de todos os padecimentos do Salvador por amor a nós. Essas formas de piedade deixaram sua marca na Igreja, de modo que, no século XVII, nasceu a celebração litúrgica da solenidade do Sagrado Coração. Em 20 de outubro de 1672, um sacerdote normando, São João Eudes, celebrou, pela primeira vez, uma missa própria do Sagrado Coração e, a partir de 1673, foram se difundindo pela Europa as visões de Santa Margarida Maria Alacoque sobre a expansão deste culto. Finalmente, Pio IX estendeu oficialmente à Igreja latina essa festa.

A liturgia do dia desenvolve os dois pilares teológicos da devoção: as riquezas insondáveis do mistério de amor derramado em Cristo e a contemplação reparadora de seu coração perfurado. São mencionados nas duas orações do dia que o Missal Romano oferece: “alegrando-nos pela solenidade do Coração do Vosso Filho, meditemos as maravilhas de seu amor e possamos receber, desta fonte de vida, uma torrente de graças”; “no coração do Vosso Filho, ferido por nossos pecados, nos concedestes infinitos tesouros de amor, fazei que lhe ofereçamos uma justa reparação”.

A consideração do abismo de ternura do Senhor pelas almas é um convite a dar ao próprio coração a mesma forma do seu, a unir o desejo de reparação a vontade eficaz de aproximar mais almas a Ele: “nos abeiramos um pouco do fogo do Amor de Deus, deixemos que seu impulso mova as nossas vidas, sonhemos com a possibilidade de levar o *fogo divino* de um extremo ao outro do mundo, de o dar a conhecer aos que nos rodeiam, para que também eles conheçam a paz de Cristo e, com ela, encontrem a felicidade”[3].

A Transfiguração do Senhor

A solenidade da Transfiguração do Senhor nasce, provavelmente, da comemoração anual da dedicação de uma basílica em honra desse mistério que aconteceu no Monte Tabor. No século IX, a festa foi introduzida no Ocidente e mais tarde, durante os séculos XI e XII, começou a celebrar-se também em Roma, na basílica vaticana. Foi incorporada ao Calendário romano pelo Papa Calixto III (1457) em agradecimento pela vitória das tropas cristãs ante os turcos na batalha de Belgrado, em 6 de agosto de 1456.

No Oriente cristão a *Transfiguração de Nosso Deus e Salvador Jesus Cristo* é uma das grandes solenidades do ano, junto com a Páscoa, o Natal e a Exaltação da Santa Cruz. Nela se expressa toda teologia da divinização, pela graça, da natureza humana que, revestindo-se de Cristo, é iluminada pelo esplendor da glória de Deus. Unidos a Jesus, aponta o ofício de leituras do rito romano, “refulgiremos aos olhos espirituais – renovadas de certo modo as feições de nossa alma – conformados à sua imagem”[4]

Com Pedro, Tiago e João, nessa festa, somos convidados a pôr o centro da nossa atenção em Jesus: “Eis o meu Filho muito amado, em quem pus toda minha afeição, ouvi-o”[5]. Temos de ouvi-lo, e deixar que a sua vida e ensinamentos divinizem a nossa vida diária. Assim rezava São Josemaria: “Senhor nosso, aqui nos tens dispostos a escutar tudo o que queiras dizer-nos. Fala-nos, estamos atentos à tua voz. Que as tuas palavras, caindo na nossa alma, abram a nossa vontade para que se lance fervorosamente a obedecer-te”[6].

Escutar ao Senhor com a disposição sincera de identificar-nos com Ele nos leva a aceitar o sacrifício. Jesus se transfigura “para tirar do coração dos discípulos o escândalo da cruz”[7], para ajudá-los a suportar os momentos obscuros da sua Paixão. Cruz e glória estão intimamente unidas. De fato, fixou-se o 6 de agosto como festa da Transfiguração em relação à Exaltação da Santa Cruz: entre ambas as celebrações transcorrem quarenta dias que, em algumas tradições, coincidem como uma segunda quaresma. Assim, a Igreja bizantina vive esse período como um tempo de jejum e de contemplação da Cruz.

A Exaltação da Santa Cruz

A festa da *Exaltação da Santa Cruz* tem sua origem na Igreja de Jerusalém. Desde meados do século IV, celebrava-se a 13 de setembro o aniversário da dedicação da basílica constantiniana levantada no Gólgota. Segundo a recordação de uma peregrina da antiguidade chamada Egéria, uns anos antes, nessa mesma data, encontrou-se a relíquia da Cruz do Senhor. O gesto da exaltação se realizava no segundo dia da oitava da dedicação: nessa jornada, testemunha um livro litúrgico da época, “mostra-se solenemente a todo o povo cristão a Cruz venerável”. Atualmente, o rito mais característico desta festa na liturgia bizantina consiste na elevação que faz o sacerdote da Cruz acima de todas as cabeças, abençoando o povo e dirigindo-se aos quatro pontos cardeais, enquanto o coro canta cem vezes a ladainha *Kyrie eleison* em cada ostensão. Os fiéis, depois, passam para venerar a Cruz e recebem uma flor do conjunto que adorna o lugar onde repousa. É tão importante essa solenidade no oriente cristão, que é considerada como uma páscoa do outono.

Em Roma, desde inícios do século VI, comemorava-se a 3 de maio uma festa paralela: a *Invenção da Santa Cruz*. Em meados do século VII, na basílica vaticana adotou-se o uso procedente de Jerusalém de venerar um fragmento da relíquia da Cruz (chamado de *lignum crucis*) no dia 14 de setembro. O Papa Sérgio (687-701) mudou esse costume para a basílica laterana e o revestiu de especial solenidade, de tal maneira que já no século VIII a festa estendeu-se também por todo o Ocidente.

Na liturgia romana, o prefácio da Missa lembra que se a árvore do Paraíso foi o lugar da queda do homem, o Senhor previu que a Cruz fosse a nova árvore salvadora «*ut unde mors oriebatur, inde vita resurgeret...* para que de onde viera a morte daí ressurgisse a vida»[8]. As leituras ressaltam a elevação de Cristo no madeiro como uma antecipação da elevação na glória, e polo que atrai a todas as criaturas: “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim”[9]. A Cruz é o lugar do triunfo de Jesus, de onde estende seu reinado contando com a nossa colaboração: “Cristo, Senhor Nosso, foi crucificado e, do alto da Cruz, redimiu o mundo, restabelecendo a paz entre Deus e os homens. Jesus Cristo recorda a todos: *Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum* (Jo 12, 32), se vós me colocardes no cume de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada instante, dando testemunho de mim no que parece grande e no que parece pequeno, *omnia traham ad meipsum*, tudo atrairei a mim. Meu reino entre vós será uma realidade”[10].

São Josemaria usava sempre uma corrente comum relicário em forma de cruz com *olignum crucis*. Era uma manifestação da sua devoção à Santa Cruz no cumprimento amoroso do dever de cada jornada. Existem inumeráveis gestos, inclusive pequenos, que também servem para expressar esta devoção na vida diária; por exemplo, ao abençoar a mesa e agradecer fazemos o sinal da cruz: “Este momento da bênção da mesa, embora muito breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem esses bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados”[11].

Cristo Rei do Universo

O senhorio de Cristo sobre o universo comemora-se de diversos modos nas festas do

ano litúrgico como a Epifania, a Páscoa, a Ascensão. Com a solenidade de Cristo Rei, instituída em 1925 pelo Papa Pio XI no contexto do avanço da secularização na sociedade, a Igreja quer nos apresentar com maior clareza ainda a soberania de Jesus Cristo sobre toda a Criação, incluída a história humana.

O reino de Jesus é, como nos ensina a liturgia da Missa, um *Regnum veritatis et vitae; regnum sanctitatis et gratiae; regnum iustitiae, amoris et pacis*[12]: verdade e vida, santidade e graça, justiça, amor e paz. São os valores que deseja com mais força o coração humano, e a essa realização os cristãos podemos contribuir. De modo especial, com as obras de misericórdia dirigidas aos menores, como é proclamado no evangelho próprio do ciclo A: “estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa”[13].

No entanto, Jesus mesmo nos adverte: “Meu Reino não é deste mundo”[14]. Seu senhorio se manifestará em plenitude com sua segunda vinda, gloriosa, quando se instaurarem os novos céus e a nova terra, e “todas as criaturas, libertas da escravidão e servindo à sua majestade, o glorifiquem eternamente”[15]. Agora é o tempo da esperança, de trabalhar por seu reinado, confiantes que a vitória final será sua.

Jesus é o centro da história: não só da humanidade em sua totalidade, mas também de cada pessoa individualmente. Inclusive quando parece que tudo está perdido, sempre é possível dirigir-se ao Senhor, como fez o bom ladrão, segundo nos apresenta o evangelho no ciclo C[16]. Quanta paz dá o fato de que, apesar do nosso passado, com o arrependimento sincero podemos entrar sempre no Reino de Deus: “Neste dia, far-nos-á bem pensar na nossa história, olhar para Jesus e, do fundo do coração, repetir-lhe muitas vezes – mas com o coração, em silêncio – cada um de nós: ‘Lembra-Te de mim, Senhor, agora que estás no teu Reino! Jesus, lembra-Te de mim, porque eu tenho vontade de me tornar bom, mas não tenho força, não posso: sou pecador, sou pecadora. Mas lembra-Te de mim, Jesus! Tu podes lembrar-Te de mim, porque Tu estás no centro, Tu estás precisamente no teu Reino!’”[17] Essa petição de amor se plasma ao longo do tempo litúrgico quando atualizamos na nossa vida cotidiana o que se celebra na Missa. O Sagrado Coração de Jesus, sua Transfiguração, a Exaltação da Santa Cruz e a solenidade de Cristo Rei não só marcam o ano, mas enchem de conteúdo os dias em que se celebram.

José Luis Gutiérrez

[1] Bento XVI, *Homilia na solenidade de Corpus Christi*, 22/05/2008.

[2] Ef, 3,17-19.

[3] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, 170.

[4] Anastásio Sinaíta, Sermão no dia da Transfiguração do Senhor (*Lectio altera* do Ofício de leituras da Liturgia das Horas do 6 de agosto).

[5] Mt 17,5.

[6] São Josemaria, *Santo Rosário*, 4º mistério luminoso.

[7] Missal Romano, Prefácio da Transfiguração do Senhor.

[8] Missal Romano, Prefácio da Santa Cruz.

[9] Jo 12,32

[10] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, 183.

[11] Francisco, Enc. *Laudato si*, 24-V-2015, n. 227.

[12] Missal Romano, Prefácio de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

[13] Mt 25, 35.

[14] Jo 18,36.

[15] Cf. Missal Romano, Oração da Missa de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo.

[16] Cf. Lc 23, 35-43.

[17] Francisco, *Homilia*, 24-XI-2013

SANTA MARIA NO ANO LITÚRGICO

«Chamar-me-ão bem-aventurada»

Santa Maria, Mãe de Deus: o ano começa com a festa que indica o lugar especial de Nossa Senhora no mistério cristão. Ao longo do ano, a Igreja recorda aos seus filhos a presença maternal e discreta de Maria. Junto a São José, Ela peregrina conosco através da história.

Na celebração anual dos mistérios de Cristo, «a Santa Igreja venera com especial amor a Santíssima Mãe de Deus, a Virgem Maria, unida por laço indissolúvel à obra salvífica de seu Filho; nEla, a Igreja admira e exalta o fruto mais excelente da Redenção e contempla-a gozosamente, como uma imagem puríssima do que ela mesma, totalmente, anseia e espera ser»[1].

Em breves traços, mas incisivos, o Concílio Vaticano II apresenta o significado do culto litúrgico a Santa Maria. Pode ajudar-nos a compreendê-lo uma via simples e profunda: a melhor arte cristã que surge da oração da Igreja. Se olharmos, por exemplo, um templo de tradição bizantina, reparamos, logo que entramos na nave, para os olhos de Cristo Pantocrator que normalmente domina a abóbada da abside. O seu rosto amável lembra-nos como o Deus infinito assumiu os traços finitos dos filhos dos homens. Debaixo d´Ele, adornada com as cores imperiais, encontra-se Maria, a Toda Santa, ladeada por arcanjos com ricas vestes litúrgicas. Num terceiro nível, por fim, estão os apóstolos e os santos que conosco – *comunicantes* –, oferecem o *sacrificium laudis*, o sacrifício de louvor agradável a Deus Pai[2].

A primeira devoção mariana

Esta imagem ajuda a compreender a posição singular de Maria na vida e na liturgia da Igreja. Como São Josemaria gostava de considerar, Ela é, acima de tudo, a Mãe de Deus, a *Theotokos*: aqui se encontra «a raiz de todas as perfeições e privilégios que a adornam»[3]. Por isso, uma das orações marianas mais antigas a chama audazmente *Dei Genetrix*, aquela que gerou Deus[4]; e também por isso o culto litúrgico a Maria se desenvolverá sobretudo a partir do Concílio de Éfeso (século V), quando a Igreja define o dogma da Maternidade divina.

Em outras representações, Santa Maria aparece segurando o véu do cálice eucarístico, ou em uma posição corporal de “Virgem orante e oferente”. Assim se expressa que a participação no mistério Pascal do Senhor é o centro e a raiz de sua vida. Esse modo único, em que Maria se une como Mãe à ação redentora de Jesus, é o

fundamento do culto mariano: a Igreja venera a Virgem Maria reconhecendo o lugar que só a Ela corresponde. Por isso, já nas mais antigas profissões de fé batismais e nas primeiras orações eucarísticas se encontram alusões à Mãe de Deus. Esta presença especial de Maria explica, também, que o modo mais natural de honrá-la seja celebrar o mistério do seu Filho, especialmente na Eucaristia.

«Para mim, a primeira devoção mariana – agrada-me ver assim – é a Santa Missa (...). No Sacrifício do Altar, a participação de Nossa Senhora evoca o silencioso recato com que acompanhou a vida de seu Filho, quando andava pelas terras da Palestina. A Santa Missa é uma ação da Trindade: por vontade do Pai, cooperando o Espírito Santo, o Filho oferece-Se em oblação redentora. Nesse mistério insondável, adverte-se, como que entre véus, o rosto puríssimo de Maria»[5]. Celebrando o mistério de Cristo, a Igreja encontra Maria e, contemplando-a, descobre o modo de viver os divinos mistérios. Com Ela escutamos e meditamos a Palavra de Deus, e nos associamos à sua voz que abençoa, dá graças e louva o Senhor; com Ela nos sentimos associados à Paixão do seu Filho, e à alegria da sua Ressurreição; com Ela imploramos incessantemente o dom do Espírito Santo[6].

As origens do culto a Santa Maria

A última reforma da liturgia romana quis ressaltar a centralidade do mistério de Cristo, e por isso integrou a memória da Mãe de Deus no ciclo anual dos mistérios do seu Filho. Além de duas celebrações em que Maria está inseparavelmente unida a Cristo – a Anunciação (25 de Março) e a Apresentação do Senhor (2 de fevereiro) – as festas marianas do atual *Calendário romano geral* incluem três solenidades[7], duas festas[8], cinco memórias obrigatórias[9] e seis memórias facultativas[10]. Por outro lado, alguns tempos litúrgicos como o Advento e o Natal incorporaram mais referências marianas. Por último, a possibilidade de celebrar a memória facultativa de Santa Maria aos sábados, juntamente com alguns elementos da Liturgia das Horas, constituem a base semanal e diária do culto litúrgico mariano. Conhecer alguns pormenores sobre a origem e o desenvolvimento deste culto pode ajudar-nos a ser melhores filhos da nossa Mãe do Céu.

O rito romano celebra na oitava de Natal, no primeiro dia do ano, a solenidade da Maternidade divina de Maria. Essa foi a grande comemoração Mariana antes da chegada, nos finais do século VII, de quatro festas de origem oriental: a Apresentação do Senhor, a Anunciação, a Dormição (que agora se celebra como a Assunção) e a Natividade de Nossa Senhora.

O acolhimento dos cristãos provenientes da Palestina, Síria e Ásia Menor, em consequência das invasões árabes do século VII, enriqueceu a liturgia romana com a assimilação de várias tradições litúrgicas. Entre elas, estão quatro festas ligadas à memória de alguns eventos da vida de Nossa Senhora, nos lugares onde, segundo a tradição, ocorreram. A construção de templos naqueles lugares levou, ao longo dos séculos IV-VI, a um primeiro desenvolvimento do culto litúrgico mariano. Alguns exemplos são a basílica no Vale do Cédron, ligada ao *dies natalis* de Maria, que no século VI passará a chamar-se Festa da Dormição; a basílica de Nazaré, mandada

construir pela imperatriz Helena em memória da Anunciação; a basílica construída sobre a piscina Bezatha, que ficará ligada à memória da concepção e do nascimento de Nossa Senhora; ou a basílica de Santa Maria a Nova, construída no início do século VI, perto do antigo Templo de Jerusalém, para recordar a apresentação de Maria.

Todas estas festas nos introduzem na memória histórica da grande família do Povo de Deus, que sabe que «a história não está sujeita a forças cegas nem é o resultado do acaso, mas é a manifestação da misericórdia de Deus Pai»[11]. A Igreja, como Maria, não tem um coração desenraizado, mas faz memória da sua própria origem, recordando paisagens e rostos concretos. A progressiva recepção destas comemorações da Virgem em outras regiões do mundo, é um reconhecimento desta lógica de Deus.

Da periferia para Roma e de Roma para a periferia

Simultaneamente, uma vez que a Igreja é uma Mãe que acolhe no seu seio todas as culturas, a veneração de Maria será desenvolvida de acordo com a particular sensibilidade teológica e espiritual de cada povo. Assim, por exemplo, a tradição bizantino-constantinopolitana conheceu uma primeira fase bastante sóbria do culto mariano, mas com o tempo produziu ricas composições poéticas em honra da *Theotokos*. O hino *Akathistos* é uma das mais amadas e difundidas: «Ave, por ti / resplandece a alegria! / Ave, por ti a maldição toda cessa! / Ave, reergues o Adão decaído! / Ave, tu estancas as lágrimas de Eva!». A tradição etíope também manifestará a sua profunda piedade mariana nas orações eucarísticas e na instituição do maior número de festas marianas incluídas numa tradição litúrgica, mais de trinta ao longo do ano.

O rito romano tem também a sua própria história. No final do século VII, o Papa Sérgio I enriquece aquelas quatro festas recém-chegadas do Oriente com um elemento que distinguirá a devoção popular romana: as procissões das ladainhas pela cidade. Mais tarde, serão compostos os textos da Missa e do Ofício de *Sancta Maria in Sabbato*; pela Europa, vai se espalhar o costume de dedicar o sábado a Nossa Senhora, e vão ser criadas novas antífonas para a Liturgia das Horas. Algumas delas são hoje a última oração que, antes de dormir, sai confiante dos lábios da igreja: *Alma Redemptoris Mater*, *Salve Regina*, *Ave Regina Coelorum*, *Regina Coeli Laetare*, compostas nos séculos XI-XIII. Mais tarde, também vão ser instituídas festas marianas como a Visitação, promovidas inicialmente pelos franciscanos e estendida depois a toda a igreja latina no século XIV.

Depois do Concílio de Trento estendem-se a todo o rito romano outras festas celebradas até então somente em algumas regiões. Por exemplo, São Pio V estendeu a toda a igreja latina a festa romana da Dedicção de Nossa Senhora das Neves (5 de agosto). Nos séculos XVII e XVIII, várias comemorações ligadas à piedade mariana de algumas ordens religiosas passarão, de várias maneiras, ao calendário geral: Nossa Senhora do Carmo (carmelitas), Nossa Senhora do Rosário (dominicanos), Nossa Senhora das Dores (servos de Maria), Nossa Senhora das Mercês (mercedários), etc.

Estes movimentos que vão da periferia a Roma, e de Roma à periferia[12] refletem a sabedoria maternal da Igreja, que promove tudo o que gera unidade, e ao mesmo tempo

se adapta para tratar os seus filhos de «modo diferente - com uma justiça *desigual* -, já que cada um é diferente dos outros»[13]. Este respeito pelas tradições locais permanece no calendário atual, que reconhece a existência de festas marianas particulares, ligadas à história e devoção dos diversos membros do Povo de Deus. Isso explica a presença, no calendário da Prelazia do Opus Dei, da festa de Nossa Senhora do Amor Formoso, que se celebra a 14 de fevereiro.

Um momento particularmente grandioso do culto litúrgico mariano foi o passado século XX, que conheceu quatro novas festas marianas: Nossa Senhora de Lourdes (Pio X, em 1907), a Maternidade de Nossa Senhora (Pio XI, em 1931), o Imaculado Coração de Maria (Pio XII, em 1944), e Santa Maria Rainha (Pio XII, em 1954). Além da memória do Santíssimo Nome de Maria (12 de setembro), a última edição do Missal Romano incorporou as memórias facultativas de Nossa Senhora de Fátima (13 de maio) e Nossa Senhora de Guadalupe[14] (12 de dezembro). A extensão a todo o rito latino das celebrações ligadas a intervenções particulares da Virgem expressa a vigilância amorosa da Igreja, que recorda aos seus filhos a presença discreta mas firme de Maria. Junto com São José, Ela peregrina conosco através da História.

Com a bênção da Mãe

Muitos pórticos de igrejas medievais têm uma imagem característica do Ocidente: a Mãe de Deus tem nos seus braços o Menino, e com o seu olhar e o seu sorriso acolhe e despede os peregrinos. Esta imagem, situada no espaço público que se abre para a cidade, fala-nos do estilo acolhedor e missionário de Maria que dá forma à vida da Igreja através da liturgia.

A sua presença recorda-nos que Ela nos espera quando vamos a uma igreja ou oratório, para nos ajudar a falar com o seu Filho. Saber dessa espera de Maria leva-nos a recolher-nos, a preparar-nos bem para as diferentes ações litúrgicas: uma delicadeza de filhos que se concretiza em pormenores, como chegar com antecedência, sem pressa, e dispor o que for necessário (adorno do altar, velas, livros) com a atenção e carinho da nossa Mãe, «Mulher Eucarística»[15], ao preparar-se para a «fração do pão» da primitiva Igreja[16].

A alegria da Toda Formosa está em «reproduzir nos filhos as características espirituais do Filho Primogênito»[17]. Na escola de Santa Maria, «a Igreja aprende a tornar-se cada dia “serva do Senhor”, a estar pronta para partir ao encontro das situações de maior necessidade, a prestar atenção aos mais pequeninos, aos excluídos»[18]. Por isso, depois de nos convidar a entrar para sermos transformados por Ele, nossa Mãe volta a saudar-nos e, desde o pórtico, envia-nos para a «formosíssima guerra de paz»[19], lado a lado com os nossos irmãos, os homens.

Juan Rego

[1] Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium* (4-XII-1963), 103.

[2] Cfr. Missal Romano, *Cânone Romano*.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, 276.

[4] Cfr. *Liturgia das horas, Ad completorium*, Antífona *Sub tuum praesidium*.

[5] São Josemaria, “La Virgen María”, em *Por las sendas de la fe*, Madrid, Cristiandad 2013, 170-171.

[6] Cfr. *Collectio Missarum de Beata Vergine Maria*, nn. 13.17.

[7] São as seguintes: 1 de janeiro: *Mãe de Deus*; 15 de agosto: *Assunção* [no Brasil celebra-se no Domingo seguinte]; 8 de dezembro: *Imaculada Conceição*.

[8] 31 de maio: *Visitação*; 8 de setembro: *Natividade*.

[9] Sábado, após a solenidade do Sagrado Coração de Jesus, *Imaculado Coração de Maria*; 22 de agosto: *Santa Maria Rainha*; 15 de setembro: *Nossa Senhora das Dores*; 7 de outubro: *Nossa Senhora do Rosário*; 21 de Novembro: *Apresentação de Maria no Templo*.

[10] 11 de fevereiro: *Nossa Senhora de Lourdes*; 13 de maio: *Nossa Senhora de Fátima*; 16 de julho: *Nossa Senhora do Carmo*; 5 de agosto: *Dedicação da Basílica de Santa Maria Maior*; 12 de setembro: *Santo Nome de Maria*; 12 de dezembro: *Nossa Senhora de Guadalupe*.

[11] São Josemaria, “As riquezas da fé”.

[12] Cfr. São Josemaria, *Forja*, 638.

[13] *Amigos de Deus*, 173.

[14] NT: o Brasil é celebrada como Festa, pois é a padroeira da América Latina.

[15] São João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia* (17-IV-2013), 53-58.

[16] Cfr. *Act* 2, 42.

[17] B. Paulo VI, Ex. ap. *Marialis cultus* (2-II-1974), 57.

[18] Papa Francisco, Homilia, 5-VII-2014.

[19] São Josemaria, *É Cristo que passa*, 76.

OS SANTOS
NO ANO LITÚRGICO

Como uma grande sinfonia

No concerto da história, cada santo toca um instrumento diferente. Participamos desta música celebrando sua memória ao longo do ano litúrgico.

Na representação do Juízo Final da Capela Sistina, obra prima de Michelangelo, vemos Cristo no centro, parecendo governar o universo com um movimento de braço. Ao seu lado está Maria, que olha com piedade para seus filhos enquanto se apresentam ao supremo Juiz. Ao redor destas duas figuras, uma multidão de personagens: santos do Antigo e Novo Testamento, mártires e apóstolos, que contemplan o Salvador.

Este tipo de representação do Juízo Final possui longa tradição na arte cristã. Na Idade Média era comum, nas fachadas das igrejas e catedrais e às vezes também no interior, mostrar Cristo rodeado de santos: homens e mulheres, jovens e anciãos, sábios doutores e simples trabalhadores manuais, reis e papas, monges e soldados, virgens e pais de família, de todos os ambientes e lugares, de todas as raças e culturas. Esta imensa multidão com frequência está acompanhada de anjos tocando instrumentos musicais, fazendo do conjunto uma grande orquestra que interpreta uma bela sinfonia, dirigida pelo compositor e maestro, Jesus Cristo. Bento XVI comparou os santos a um grande "conjunto de instrumentos que, cada um com sua individualidade, elevam a Deus uma única grande sinfonia de intercessão, de ação de graças e de louvor"[1]. Cada um é especialista em um instrumento diferente e o resultado é uma música variada, sempre nova, que interpretamos quando ao longo do ano litúrgico celebramos a sua memória. Os bem-aventurados fazem parte da nossa vida pela Comunhão dos santos: estamos unidos à Igreja do Céu, "onde as almas estão triunfando com o Senhor"[2]. A sensibilidade litúrgica cristã se manifesta quando entrelaça tudo aquilo que cremos, vivemos, celebramos e rezamos.

As riquezas da santidade cristã

Ao longo da história, são inumeráveis os homens e mulheres que puseram em prática as palavras de Jesus: "*Estote ergo vos perfecti, sicut Pater vester caelestis perfectus est*" [3]; sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito. A riqueza de carismas do Espírito Santo, as diferenças no modo de ser das pessoas e a ampla gama de situações nas que os cristãos viveram, fazem que seja possível encarnar este mandato do Senhor de diferentes maneiras: "Cada estado de vida conduz à santidade – sempre! —na sua casa, pela rua, no trabalho, na Igreja, nesse momento e no seu estado de vida se abriu o

caminho para a santidade"[4].

Como os santos atraem! A vida de uma pessoa que lutou para se identificar com Cristo, constitui uma grande apologia da fé. Sua luz super potente resplandece no meio do mundo. Em ocasiões parece que a história dos homens está governada pelo reino da escuridão, mas isso se deve a que, possivelmente, estas luzes brilhem em menor número ou de maneira mais tênue. São Josemaria nos fazia notar: "estas crises mundiais são crises de santos"[5]. O contraste entre a luminosa existência dos santos e as trevas nas quais talvez se viram rodeados pode ser grande. De fato, muitos foram objeto de incompreensões ou perseguições, abertas ou dissimuladas, como aconteceu com Cristo, o Verbo Encarnado: "a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz"[6]. No entanto, a experiência mostra o inegável poder de atração dos santos: em tantos ambientes da nossa sociedade, continua sendo reconhecido com admiração o testemunho de uma vida cristã forte, radical, coerente. As histórias dos santos mostram, além disso, como o contato com o Senhor enche o coração de paz e de alegria. Como é possível difundir serenidade e otimismo ao nosso redor e como permanecer, ao mesmo tempo, abertos às necessidades dos outros, especialmente às dos mais desfavorecidos.

A devoção aos santos

A insondável riqueza da santidade cristã foi recordada e meditada continuamente pela Igreja à luz da Palavra de Deus. A Liturgia, cada ano, celebra com amor os seus filhos que passaram pelo mundo, como Jesus, "fazendo o bem"[7], sendo luminárias vivas para os seus irmãos os homens, ajudando-os a ser felizes nesta terra e na vida futura. As datas comemorativas das suas memórias litúrgicas correspondem habitualmente ao dia de sua morte ou o *dies natalis*: a data em que nascem para a nova vida, a vida do céu. Em outras ocasiões, lembram outros momentos destacados em sua biografia, especialmente aqueles relacionados com a recepção dos sacramentos.

São Josemaria tinha uma grande devoção aos santos: "Que amor o de Teresa! – Que zelo o de Xavier! – Que homem tão admirável São Paulo! – Ah, Jesus, pois eu... Te amo mais do que Paulo, Xavier e Teresa! " [8] A Sagrada Liturgia é um lugar privilegiado para crescer em amor a estes intercessores celestes e senti-los próximos, como amáveis companheiros de viagem, durante a vida terrena. O Missal Romano, recolhendo uma tradição multissecular de fé celebrada, contém formulários comuns de orações para as Missas de mártires, pastores, doutores da Igreja, virgens, santos e santas que alcançaram a plenitude da vida cristã em circunstâncias e estados de vida variados. Na maioria dos casos, as suas celebrações contêm algumas destas orações comuns e outras orações próprias.

Em qualquer família, os aniversários dos membros mais destacados, como o pai ou a mãe, os avós... são festejados de modo especial. Assim acontece também na família de Deus que é a Igreja. Além das celebrações de Nossa Senhora, o calendário romano geral celebra as solenidades de São José (19 de março), da Natividade de São João Batista (24 de junho), de São Pedro e São Paulo (29 de junho) e de Todos os Santos (1º de novembro). A elas se somam um bom número de festas de santos. Além das dos apóstolos e evangelistas, que marcam todo o ano, são festas as memórias litúrgicas de

são Lourenço (10 de agosto), santo Estevão protomártir (26 de dezembro) e os santos Inocentes (28 de dezembro). A estas datas se unem as memórias, cuja celebração pode ser livre ou obrigatória. Na Obra, além das festas de Jesus, de Nossa Senhora e de são José, celebram-se com especial devoção a exaltação da santa Cruz (14 de setembro), as festas dos santos Arcanjos (29 de setembro) e dos Apóstolos patronos dos labores da Prelazia e a dos Anjos da Guarda (2 de outubro).

Como se lê no livro do Apocalipse, os santos constituem "uma grande multidão que ninguém podia contar, de toda nação, tribo, povo e língua"[9]. Este Povo é formado pelos santos do Antigo Testamento – como o justo Abel e o fiel patriarca Abraão – do Novo Testamento, os numerosos mártires do início do cristianismo e os bem-aventurados e santos dos séculos posteriores. É a grande família dos filhos de Deus, formada por aqueles que forjaram a sua santidade com o impulso do eterno animador, o Espírito Santo.

As orações coleta do Missal Romano

Um escritor francês contemporâneo dizia que os santos são como "as cores do espectro em relação com a luz".[10]. Cada um expressa, com tonalidades e brilhos próprios, a luz da santidade divina. É como se o fulgor da Ressurreição de Cristo, ao atravessar o prisma da humanidade, se abrisse em uma graduação de cores tão variados quanto fascinantes. "Quando a Igreja, no ciclo anual, faz memória dos mártires e dos outros santos “proclama o mistério pascal, cumprido neles, que padeceram com Cristo e foram glorificados com Ele. Propõe aos fiéis seus exemplos, que atraem a todos por meio de Cristo ao Pai, e por seus méritos implora os benefícios divinos”"[11].

Por meio dos formulários das Missas dos santos do Missal Romano, a Igreja expressa a sua oração em palavras que nos ajudam a considerar as diferentes cores desse espectro de luz. Em cada uma destas celebrações, existe pelo menos a oração coleta própria do santo, que o sacerdote recita nos ritos iniciais, imediatamente antes da liturgia da Palavra. Esta breve oração nos indica o caráter da celebração[12]: recorda de forma sucinta qual a “cor” da santidade de Deus que brilhou com mais força no santo que celebramos neste dia. Frequentemente iniciam evocando alguma faceta da história da salvação, em particular do Mistério de Cristo. É habitual, além disso, que o povo cristão peça a proteção do santo ou santa cuja intercessão se suplica para alguma circunstância particular.

O conteúdo das coletas é muito rico e variado. Assim, por exemplo, na memória de São João Fischer e São Thomas More (22 de junho) pedimos a coerência entre a fé e a própria existência (o que são Josemaria chamará de unidade de vida); ou imploramos o ardor apostólico de são Francisco Xavier (3 de dezembro) ou viver do mistério de Cristo, especialmente contemplando sua Paixão como fez santa Catarina de Sena (29 de abril). No dia de são Filipe Neri (26 de maio) pedimos ter o coração incendiado com o fogo do Espírito Santo. E, em outras ocasiões, requeremos dons e graças para a Igreja: a fecundidade do apostolado na memória de são Carlos Luanga e companheiros mártires (3 de junho), a bênção de ter pastores segundo o coração de Jesus no dia de Santo Ambrósio (7 de dezembro) ou uma abertura confiada dos corações à graça de Cristo,

como repetia são João Paulo II (22 de outubro). Com os santos também percorremos os mil caminhos da vida cristã: na memória de São Juan Diego (9 de dezembro) contemplamos o amor da Santíssima Virgem ao seu povo e na de santa Ágata (5 de fevereiro) lembramos como a virtude da pureza é agradável a Deus.

Estes exemplos, que poderiam se multiplicar indefinidamente, nos mostram como as orações das celebrações dos santos constituem uma fonte riquíssima para os nossos momentos diários de oração pessoal ou para nos dirigirmos ao Senhor espontaneamente com alguma frase ao longo das horas de trabalho e descanso. São como pedras preciosas de beleza singular, algumas com muitos séculos de antiguidade, que se encaixam às joias da Tradição cristã que são as celebrações litúrgicas. Com elas, rezamos como rezaram tantas gerações de cristãos. As memórias e festas dos santos ao longo do ano nos oferecem oportunidades de conhecer um pouco mais estes poderosos intercessores perante a Trindade e fazer novos amigos no Céu.

Estrelas de Deus

Nos santos "o contato com a palavra de Deus provocou, por assim dizer, uma explosão de luz, por meio da qual o resplendor de Deus ilumina nosso mundo e nos mostra o caminho. Os santos são estrelas de Deus, que deixamos que nos guiem em direção Àquele por quem anseia o nosso coração"[13]. Como a estrela do Oriente guiou os Magos a seu encontro pessoal com Cristo, os santos nos indicam, como estrelas polares na noite, qual é o "norte" ao que devemos nos dirigir.

Entre essas estrelas que mostram o caminho, a Igreja propôs também publicamente a devoção do povo cristão a são Josemaria e ao bem-aventurado Álvaro. O ardor apostólico e o serviço desinteressado à Igreja e a todas as almas, que esculpiram a identidade cristã do Fundador do Opus Dei e de seu primeiro sucessor, caracterizam as orações que a Igreja eleva a Deus em suas respectivas festas litúrgicas. No primeiro caso, a Igreja implora a nosso Pai Deus que, pela intercessão de são Josemaria, no meio do trabalho cotidiano, "nos configuremos a teu Filho Jesus Cristo e sirvamos com ardente amor à obra da Redenção"[14] e que a celebração dos sacramentos "fortaleça em nós o espírito de filhos adotivos"[15]. Na oração coleta do bem-aventurado Álvaro se roga que, imitando seu exemplo, "nos gastemos humildemente na missão salvífica da Igreja"[16], porque dom Álvaro foi fiel à Igreja e seguiu lealmente a são Josemaria na difusão da mensagem da chamada universal à santidade e ao apostolado.

Para nós é de muita ajuda acudir diretamente à intercessão de são Josemaria e do bem-aventurado Álvaro para que nos alcancem do céu a fidelidade à nossa própria vocação, em quaisquer circunstâncias. "Lendo" as suas vidas – como se fossem um grande romance – aprendemos a ser santos na vida cotidiana. De fato, como bem lembrava são Bernardo numa homilia do dia de Todos os Santos, "os santos não necessitam de nossas honrarias, nem lhes acrescenta nada a nossa devoção (...). A veneração da sua memória redunde em nosso proveito próprio e não no deles. Pelo que me diz respeito, confesso que, ao pensar neles, acende-se em mim um forte desejo"[17]. Eis, portanto, o significado do culto destes homens e mulheres de Deus: "contemplar o luminoso exemplo dos santos, suscitar em nós o grande desejo de ser como eles, felizes

por viver perto de Deus, em sua luz, na grande família dos amigos de Deus".[18]. Além disso, ao contemplar – ao longo do ano – os santos e santas de todos os lugares e de todos os tempos, experimentamos que "foram, são normais: de carne , como a tua. - E venceram"[19].

A celebração do culto aos santos nos recorda com força a chamada universal à santidade: com a graça de Deus, todos podemos corresponder com plenitude ao amoroso convite para participar da Vida divina em nossas circunstâncias. Como animava o papa Francisco: "Muitas vezes temos a tentação de pensar que a santidade está reservada somente para quem tem a possibilidade de se distanciar das ocupações do dia a dia, para se dedicar exclusivamente à oração. Mas não é assim. Algum pode pensar que a santidade é fechar os olhos e fazer cara de santinho. Não! A santidade não é isto. A santidade é algo maior, mais profundo que Deus nos dá. Mais ainda, estamos chamados a ser santos precisamente vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho cristão nas ocupações de cada dia"[20]. Pessoas de todas as condições percorrem o caminho da perfeição cristã: "há muitos cristãos maravilhosamente santos. Há muitas mães de família maravilhosamente, encantadoramente santas. E há muitos pais de família estupendos. No céu ocuparão lugares impressionantes. E operários e camponeses. Onde menos se pensa, nesse lugar, há almas que vibram"[21].

Entusiasma-nos considerar que, com o passar dos anos, serão mais e mais os santos e santas da vida cotidiana que celebraremos liturgicamente. Eles serão o grande estímulo para nos levar a nos apaixonarmos por Cristo em nossas ocupações diárias.

Fernando López Arias

[1] Bento XVI, Audiência, 25-IV-2012.

[2] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 26-VI-1974, em *Catequesis en América I*, 695 (AGP, biblioteca, P04).

[3] *Mt* 5, 48.

[4] Francisco, Audiência, 19-XI-2014.

[5] São Josemaria, *Caminho*, n. 301.

[6] *Jo* 3,19.

[7] *At* 10, 38.

[8] *Caminho*, n. 874.

[9] *Ap* 7, 9.

[10] J. Guitton, *Oeuvres Complètes 2*, Paris: Desclée de Brouwer, 1968, 933.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1173. Cfr. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 104.

[12] Cfr. *Instrução geral do Missal Romano*, n. 54.

[13] Bento XVI, Homilia, 6-I-2012.

- [14] Oração coleta da Missa de São Josemaria (26 de junho).
- [15] Oração pós comunhão da Missa de São Josemaria (26 de junho).
- [16] Oração coleta da Missa do bem-aventurado Álvaro (12 de maio).
- [17] São Bernardo, Sermo 2, no Opera Omnia Cisterc. 5, 364 (Lectio altera do Ofício de leituras da Liturgia das Horas de 1 de novembro).
- [18] Bento XVI, Homilia, 1-XI-2006.
- [19] *Caminho*, n. 133.
- [20] Francisco, Audiência, 19-XI-2014.
- [21] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 18-V-1970, em *Crônica* 1970, 284 (AGP, biblioteca P01).

CANTO E MÚSICA
NA LITURGIA

A música que vem de Deus

A música sempre teve um lugar central na liturgia católica. Como o silêncio, é uma linguagem necessária para entrar em sintonia com a beleza de Deus, para descobrir a sua presença. Como sempre que se trata do Amor não há lugar para a pressa, nem cálculos: cantamos porque queremos ter tempo para Deus.

«*Cantemus Domino, gloriose enim magnificatus est!*» Cantarei ao Senhor, gloriosa é sua vitória»[1]. Imediatamente, a liturgia da Vigília Pascal une este canto com o relato da passagem de Israel através do Mar Vermelho: a música, cheia de alegria, surge espontânea ao *tocar* a proximidade de Deus. O prodígio das águas divididas se converteu, para o povo escolhido, em um emblema da proximidade de Deus: os salmos o recordam com frequência[2]. No tempo da Igreja, esse evento nos fala do batismo, da Cruz, do céu... Fala-nos da nossa vida, e da Vida que Deus tem preparado para nós na outra margem, que «não é um simples embelezamento desta vida atual: ela supera nossa imaginação, porque Deus nos surpreende continuamente com o seu amor e com a sua misericórdia»[3].

Diante «do Deus das surpresas»[4], um Deus que sempre faz novas as coisas[5], «Sobram as palavras, porque a língua não consegue expressar-se; começa a serenar-se a inteligência. Não se raciocina, fita-se! E a alma rompe outra vez a cantar com um cântico novo, porque se sente e se sabe também fitada amorosamente por Deus, em todos os momentos»[6]. Diante do Deus que nos surpreende com a sua novidade, a glorificação e a adoração brotam espontaneamente: o canto e o silêncio. Um e outro estão profundamente relacionados, porque expressam o que as simples palavras não conseguem dizer. Por isso, a liturgia os reserva para seus momentos mais sublimes «A Igreja canta – disse alguém – porque falar não seria bastante para a sua oração. – Tu, cristão – e cristão escolhido –, deves aprender a cantar liturgicamente»[7].

Um cântico novo

Humanamente insolúvel. Assim era a situação do Povo escolhido, encurralado entre o Mar Vermelho e o exército egípcio. Na frente, a barreira do mar; às suas costas, a força bélica das armas. «O inimigo tinha dito: ‘Vou perseguir, alcançar, repartir os despojos, saciar-me deles. Vou tirar minha espada e despojá-los com minha mão’»[8]. Assim se encontra também a Igreja, tantas vezes assediada por aqueles que querem apagá-la da

face da terra, ou pelo menos eliminar o seu caráter sobrenatural.

Porém Deus está conosco, como estava com os israelitas. Perante os impossíveis humanos, brilha a sua glória em contraste com a poder do Faraó e dos faraós da história: de modos inesperados, o mar se abre e nós passamos, e se fecha de novo diante do inimigo. «Sopraste com teu vento, e o mar os cobriu; afundaram como chumbo em águas profundas.»[9]

A narração sagrada não revela os pensamentos de Israel, enquanto cruzavam o mar pelo caminho seco, com muralhas de água à direita e à esquerda. Só ao final, a Bíblia volta seu olhar sobre os israelitas para mostrar sua reação. «O povo temeu o Senhor e teve fé no Senhor e em Moisés seu servo. Então Moisés e os israelitas cantaram ao Senhor este cântico: “Cantarei ao Senhor porque estupenda foi a vitória»[10] – temor e renovada fé em Deus, que se derrama no primeiro canto novo[11] mencionado pela Escritura.

Não conhecemos essa música. Ninguém a recolheu e nem a tradição oral trouxe-a a nós. Porém devia ser sincera: brotava de um profundo agradecimento, expressava um intenso sentido de adoração. Devia ser impressionante: qualquer testemunha externa teria podido tocar a presença de Deus naquele canto, como o tocaram aqueles que o entoaram.

Depois deste episódio, os israelitas encontraram mais dificuldades no deserto. Primeiro, as águas amargas de Mará, que se tornam doces devido à madeira, figura da Cruz[12]; depois, o rigor do deserto de Sin, que o Senhor aliviava com o maná e as codornizes; as águas de Massa e Meriba... Deus sempre respondia às dificuldades e o povo renovava o seu cantar. A esperança era chegar ao momento em que tudo seria já um canto novo.

A vinda de Cristo inaugurou a salvação definitiva. «A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro»[13]. O canto novo, que já não passa, começou a ser entoado. Ao mesmo tempo, sem dúvida, esperamos o momento em que será pleno, como nos é apresentado no Apocalipse[14]. De certo modo, a Igreja já chegou à terra Prometida, porém continua a sua peregrinação pelo deserto: por isso na liturgia fala de si mesma como «*peregrinans in terra*»[15]. Na realidade, “novo” na linguagem bíblica, «não evoca tanto a novidade exterior das palavras como a plenitude última que sela a esperança. Por conseguinte, canta-se a meta da história na qual finalmente será silenciada a voz do mal (...). Mas este aspecto negativo é substituído, com um espaço muito maior, pela dimensão positiva, a do novo mundo jubiloso que está para se afirmar»[16].

A música do céu, na terra

Quando o Cordeiro «recebeu o livro, os quatro Seres vivos e os vinte e quatro Anciãos prostraram-se (...) Todos tinham harpas e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E entoaram um cântico novo»[17]. A Sagrada Escritura não deixa, em sua sobriedade, de mencionar o canto no céu. É lógico que o faça, porque «Deus não é solitário, mas amor glorioso e gozoso, difusivo e luminoso»[18]. A imaginação pode sugerir-nos a música que acompanhou a Virgem Maria quando a

Trindade Beatíssima a recebeu no céu. Exércitos de anjos esperam a sua rainha que está para chegar em corpo e alma. A música é solene; transborda afeto, alegria, o delicado equilíbrio da beleza. A Virgem aparece, esplendorosa, e o Filho, que introduziu a humanidade no seio da Trindade, recebe sua Mãe.

A liturgia terrena, também quando não conseguimos perceber toda a sua beleza, talvez pelas circunstâncias externas ou pelas nossas próprias, é «o culto do templo universal que é Cristo ressuscitado, cujos braços estão abertos na cruz para atrair todos ao abraço do amor eterno de Deus. É o culto do céu aberto»[19]. Por isso os prefácios da Missa terminam sempre convidando a todos a cantar o *Sanctus* junto aos anjos e os santos. No *Sanctus* a terra e o céu se unem: «nos associamos cheios de gratidão a este cantar de todos os séculos, que une céu e terra, anjos e homens»[20]. « Eu aplaudo e louvo com os Anjos. Não me é difícil, porque sei que me encontro rodeado por eles quando celebro a Santa Missa. Estão adorando a Trindade»[21].

Certamente, no relato do anúncio dos anjos aos pastores, «Lucas não disse o que os anjos cantaram». Ele escreve muito sobriamente: o exército celestial louvava a Deus dizendo: “Glória a Deus no céu...” (*Lc 2, 13s*). Porém os homens sempre souberam que a linguagem dos anjos é diferente da dos homens; que precisamente esta noite a mensagem gozosa foi um canto onde brilhou a glória sublime de Deus. Por isso, este canto dos anjos foi percebido desde o princípio como música que vem de Deus, mais ainda, como convite a unir-se ao canto, a alegria do coração por ser amados por Deus»[22].

Esse é o marco em que se inscreve a rica criatividade musical da liturgia, que começou a desenvolver-se com a oração de Israel: o esforço para entrar em sintonia com a beleza de Deus, para chegarmos ao céu. «A liturgia é tempo de Deus e espaço de Deus, e nós devemos entrar ali, no tempo de Deus, no espaço de Deus e não olhar o relógio”. A liturgia é precisamente entrar no mistério de Deus; deixa-nos levar ao mistério e estar no mistério»[23]. São Josemaria, nessa mesma linha, escrevia que na Santa Missa «os relógios deveriam parar»[24]: diante de Deus não cabe uma aproximação meramente instrumental, pragmática. «O aparecimento da beleza, da formosura, nos torna alegres sem ter que perguntarmos por sua utilidade. A glória de Deus, de onde provém toda a beleza, faz saltar em nós o assombro e a alegria»[25].

Ao alcance de todos

A participação de cada um no canto litúrgico manifesta também o carinho, o «sentido do mistério»[26] que nos leva a pôr entre parênteses os critérios de eficácia próprios de outros contextos. Sem negligenciar as circunstâncias profissionais e familiares de todos, muitas vezes, pode-se dar à celebração litúrgica esse toque que ajuda, de modo concreto, a adorar a Deus. Talvez nisto iremos contra a corrente pragmatista da qual também somos filhos; mas também assim, dando à liturgia o seu tempo, com o resplendor simples da nossa fé, levamos o mundo a Deus: o tornamos presente na agitada vida moderna, que não sabe ter tempo para Ele. «Não é estranho que muitos cristãos – pausados e até solenes na vida social (não têm pressa), nas suas pouco ativas atuações profissionais, à mesa e no descanso (também não têm pressa) – se

sintam apressados e apressem o Sacerdote na sua ânsia de encurtar, de abreviar o tempo dedicado ao Santíssimo Sacrifício do Altar?»[27] A fé «é amor e por ela cria poesia e cria música»[28]: se a nossa fé é viva, também saberemos ser iguais nisto aos primeiros cristãos, a quem São Paulo animava a cantar e celebrar o Senhor com todo o coração[29].

Não é, pois, a música litúrgica uma questão de sentimentalismo ou estética: é questão de amor, de querer «tratar a Deus com ternura de coração»[30], e não «de uma maneira oficial e seca, com uma fé que não tem vibração»[31]. Do mesmo modo que sentiríamos falta da música em um momento de festivo da vida, é natural que queiramos dar esse realce à liturgia. Às vezes, na celebração cotidiana, bastará um breve canto, piedoso: *Adoro te devote, Ave Maris Stella, Rorate Coeli*, etc. nas festas, em função da habilidade dos fiéis, a música terá maior protagonismo, cantando em algumas partes da Missa – o *Gloria*, o *Sanctus*, etc. – e talvez com o acompanhamento do órgão.

Ao longo dos séculos, a Igreja formou uma preciosa tradição de música sacra. A novidade do culto cristão levou à busca de novas formas poéticas e musicais para expressar como a oração se eleva a níveis inusitados: «Corresponde aos homens cantar *Salmos*, porém cantar hinos corresponde aos Anjos e àqueles que levam uma vida como a dos Anjos»[32]. Assim, na liturgia romana destaca-se o gregoriano como canto próprio[33], com o qual podemos orar durante a celebração da Santa Missa: por exemplo, o Missal Romano do altar apresenta as notas para poder cantar o *Per ipsum* ao final da Oração Eucarística, assim como outras orações.

Dentro do grande repertório de música sacra cristã, se encontram cantos à altura de todas as sensibilidades e capacidades: desde melodias simples até polifonias complexas. Também há cantos mais recentes que, dentro da própria identidade cultural, sabem exprimir o mistério de Deus de forma musical. Tanto as peças mais tradicionais como as modernas se encontram em livros publicados para a ajuda dos fiéis; também pode-se realizar cópias dos cantos mais adequados a cada lugar.

Este também é um campo promissor para as pessoas com uma preparação maior musical: o esforço para dedicar sua criatividade para tornar mais luminoso o culto torná-los-á também mais generosos com Deus, porque dedicando esse tempo ao Senhor e aos outros estão oferecendo o sacrifício de Abel[34]. Em todo caso, vale a pena colocar aqui pelo menos o entusiasmo com que preparamos a comemoração de um aniversário: aprendendo e ensaiando cânticos que pertencem à cultura cristã, expressam uma autêntica sensibilidade litúrgica e nos dão oportunidade de fazer oração. De fato, na liturgia estamos com Deus, e Ele gosta que cantemos, porque às vezes falar não basta.

A linguagem da adoração

A música, na liturgia, não é um mero acompanhamento ou ornamentação; nem é a interpretação de um tema religioso que chama a atenção para si: em um e outro caso, a música ficaria paralela à celebração, quando se trata de que seja uma só coisa com ela[35]. A verdadeira música litúrgica é oração, é liturgia; não nos dispersa, não se limita a dar-nos uma alegria sensível ou um prazer estético: recolhe-nos, nos coloca no mistério de Deus. Leva-nos à adoração, que tem no silêncio uma de suas linguagens

privilegiadas: «o silêncio – nos recorda o Papa – guarda o mistério»[36]. Se a música é de Deus, não competirá com o silêncio: nos levará ao silêncio verdadeiro, do coração.

Os instantes de silêncio que a liturgia prevê – antes de iniciar a Missa, no ato penitencial, nos *mementos*, na consagração, etc. – são convites para recolher-nos em adoração. Preparam-nos para o momento da comunhão, porque «para comungar verdadeiramente com outra pessoa devo conhecê-la, saber estar em silêncio perto dela, escutá-la, olhá-la com amor. O verdadeiro amor e a verdadeira amizade vivem sempre desta reciprocidade de olhares, de silêncios intensos, eloquentes, cheios de respeito e veneração, de maneira pessoal e não superficial»[37].

«Tu, eu, adoramos ao Senhor?»», nos pergunta o Papa, dirigindo-nos para o centro íntimo da liturgia, que será nosso céu. «Recorremos a Deus só para pedir, para agradecer, ou nos dirigimos a Ele também para adorá-lo? Mas, então, que quer dizer adorar a Deus? Significa aprender a estar com Ele, a parar para dialogar com Ele, sentindo que sua presença é a mais verdadeira, a melhor, a mais importante de todas (...); adorar o Senhor quer dizer que estamos convencidos diante dele de que Ele é o único Deus, o Deus de nossa vida, o Deus de nossa história»[38].

Carlos Ayxelà

[1] Ex 15,1.

[2] Cfr. Sal 65 (66); 77 (78); 105 (106); 135 (136).

[3] Francisco, *Ângelus*, 10-XI-2013.

[4] Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 20-I-2014.

[5] Cfr. Ap 21,5.

[6] São Josemaria, *Amigos de Deus*, 307

[7] São Josemaria, *Caminho*, 523

[8] Ex 15,9.

[9] Ex 15,10.

[10] Ex 14,31-15,1.

[11] Cfr. Sal 32 (33); 39 (40); 95 (96); 97 (98); 143 (144); 149.

[12] Cfr. Ex 14,22-25.

[13] Ap 7,10.

[14] Ap 5,9-10; 14,3.

[15] Missal Romano, oração Eucarística III

[16] Bento XVI, Audiência 25/01/2006

[17] Ap 5,8-9

[18] Bento XVI, *Homilia*, 19/02/ 2012.

- [19] Bento XVI, *Audiência*, 3/10/2002.
- [20] Bento XVI, *Homilia*, 24/12/2010.
- [21] São Josemaria, *É Cristo que Passa*, 89.
- [22] Bento XVI, *Homilia*, 24/12/2010.
- [23] Francisco, *Homilia*, 10/02/2014.
- [24] São Josemaria, *Forja* 436
- [25] Bento XVI, *Homilia*, 24/12/2010.
- [26] João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 49
- [27] Caminho, 530
- [28] Bento XVI, *Audiência*, 21/05/2008
- [29] Cf. Ef 5,19; Col 3,17.
- [30] Amigos de Deus, 167
- [31] Forja, 930.
- [32] Orígenes, Sel. in psalmos, en Sal 119 [118],71.
- [33] Cf. Concilio Vaticano II, Const. Sacrosanctum concilium (4-XII-1963), 116.
- [34] Cf. Missal Romano, Oração Eucarística I, Cf. Gn 4,4.
- [35] Cfr. Concilio Vaticano II, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 112.
- [36] Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 20/12/2014.
- [37] Bento XVI, *Homilia*, 7/06/2012.
- [38] Francisco, *Homilia*, 14/04/2013.

EPÍLOGO

Reunidos em comunhão: rezando com toda a Igreja

O Cânon Romano nos dá a medida da oração da Igreja, que abraça o espaço e o tempo com os braços abertos de Jesus na Cruz.

“Celebro a Missa com todo o povo de Deus. Digo mais: estou também com os que ainda não se aproximaram do Senhor, os que estão mais afastados e ainda não são do seu rebanho. Esses também estão em meu coração. E me sinto rodeado por todas as aves que voam e cruzam o azul do céu, algumas até olhar o sol frente a frente (...). E rodeado por todos os animais que estão sobre a terra: os racionais, como somos os homens, ainda que às vezes perdemos a razão, e os irracionais, os que correm pela superfície terrestre ou os que habitam as entranhas ocultas do mundo. Eu me sinto assim quando renovo o Santo Sacrifício da Cruz!” [1]

Estamos percorrendo os diversos momentos do ano litúrgico, aprofundando em todo o leque de tonalidades que a oração da Igreja adquire no tempo. Estas palavras de São Josemaria sobre a Eucaristia, “coração do mundo”[2], colocam diante de nós o verdadeiro alcance do culto cristão que, como já anunciava um dos salmos messiânicos, abraça todo o espaço - “*a mari usque ad mare*, de mar a mar”[3] – e todo o tempo – “como o sol e a lua, de geração em geração”[4]. Tudo começou na Cruz: Jesus já recolhia então em sua oração toda a Igreja e, dessa forma, dava corpo à *comunhão dos santos* de todos os lugares e de todos os tempos. E tudo volta à Cruz: “tudo atrairei a mim”[5].

Em cada celebração eucarística está toda a Igreja, céus e terra, Deus e os homens. Por isso, na Santa Missa ficam superadas não somente as fronteiras políticas ou sociais, mas as que separam céu e terra. A Eucaristia é *katholikē*, que em grego significa universal, católica e tem a medida do todo, porque Deus está lá e, com Ele, estamos todos, em unidade com o papa, com os bispos, com os crentes de todas as épocas e lugares.

Assomemo-nos pois, já ao final dessa série, a alguns recôncavos da Oração Eucarística, por meio do Cânon Romano[6]. Vamos entrever, dessa forma, essa amplidão da oração da Igreja, que surge da amplidão de Deus. Se procurarmos rezar na Missa com esse sentido universal, de não estar sozinhos, o Senhor nos dilatará o coração—“*dilatasti cor meum*”[7]—, nos fará rezar com todos os nossos irmãos na fé; nos fará ser memória de Deus, bálsamo de Deus, paz de Deus para toda a humanidade.

Santo, Santo, Santo

A Oração Eucarística se inicia com o Prefácio, que sempre coloca motivos de ações de graças diante de nossos olhos. Às vezes, não seremos capazes de apreciá-los, todos eles, como algo que nos diz respeito de perto. Mas a Igreja sabe realmente o que agradece, e podemos confiar-nos à sua sabedoria, ainda que, às vezes, não o entendamos. Precisamente a parte final do Prefácio nos lembra que é Ela, a Igreja de todos os lugares e de todos os tempos, a que celebra a Eucaristia, tanto se dela participam milhares de pessoas **“ou tenha por único assistente um menino, talvez distraído, que ajuda o sacerdote”**[8].

O Prefácio conclui com o *Santo*, “o louvor incessante que a Igreja celestial, os anjos e todos os santos, cantam ao Deus três vezes santo”[9]. Cantamos, unidos à liturgia do Céu e o fazemos não só em próprio nome, mas também em nome de toda a humanidade e da criação inteira que necessita da voz do homem. Somos, por isso, *liturgos* da criação, intérpretes e sacerdotes do canto que as criaturas querem entoar a Deus: “Fazemos menção do céu e da terra, do mar, do sol e da lua, dos astros e de todas as criaturas racionais e irracionais, visíveis e invisíveis, dos anjos, as virtudes, as dominações, as potestades, os tronos, os querubins de muitos rostos (cf. *Ez* 10, 21), com o desejo de dizer o que cantou Davi: Glorificai comigo ao Senhor (*Sal* 33, 4)”.

Lembrai-vos ó Pai...

Esta oração eclesial, este rezar juntos, se percebe também nas *intercessões*: “Lembrai-vos ó Pai”, dizemos-lhe e nos convertemos em ‘memória de Deus’ para nossa família e amigos, para as pessoas que se confiam a nossa oração e também para todos aqueles dos que talvez somente Ele se lembre. Trata-se de algo essencial na ‘nossa Missa’[10], porque **“se falta a memória de Deus, tudo fica rebaixado, tudo fica no eu, no meu bem-estar. A vida, o mundo, os outros, perdem a consistência, já não importam nada (...). Se perdemos a memória de Deus, também nós perdemos a consistência, também nós nos esvaziamos, perdemos nosso rosto, como o rico do Evangelho”**[11].

A oração de intercessão nos introduz plenamente na oração de Jesus, que é o único intercessor diante do Pai em favor de todos os homens. “Interceder, pedir em favor do próximo é, desde Abraão. Próprio de um coração conforme à misericórdia de Deus. No tempo da Igreja, a intercessão cristã participa da de Cristo: é a expressão da comunhão dos santos”[12]. As primeiras comunidades cristãs viveram, intensamente, essa forma de petição que não conhece fronteiras, como se percebe já desde as primeiras anáforas eucarísticas. Procuravam adquirir os sentimentos d’Aquele que “deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”[13]. Se, de nossa parte, colocamos carinho na Oração Eucarística, Deus nos aumenta o coração e o faz à medida do coração de Cristo.

Com essa magnanimidade pedimos em primeiro lugar por toda a Igreja: “para que lhe concedas a paz, a protejas, a congregues na unidade e a governes no mundo inteiro...”[14]. E começamos por nos unir ao Papa, ao bispo de nossa diocese e, como é claro, ao Padre: assim, rezamos “bem apinhados, formando uma família muito unida”[15].

Depois, a intercessão se converte em petição por todos os fiéis presentes e em favor

daqueles pelos que se oferece o sacrifício: “Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos e filhas (N.N.) e de todos os que circundam este altar, dos quais conheceis a fidelidade e a dedicação em vos servir ...”.

A Oração Eucarística I traz diante do Senhor as necessidades daqueles, cristãos ou não, pelos que se reza especificamente, ainda que não seja necessário dizer seus nomes em voz alta. O sacerdote, dizem as rubricas, junta as mãos e reza uns instantes por aqueles que desejam recomendar a Deus. São Josemaria, habitualmente, detinha-se um pouco mais: **“Faço um memento muito longo. Cada dia com uns coloridos diversos, umas vibrações diferentes, umas luzes cuja intensidade vai daqui para lá. Mas o denominador comum de meu oferecimento é este: a Igreja, o Papa e o Opus Dei. (...) Lembro-me de todos, de todos: não posso fazer uma exceção. Não vou dizer deste não, porque é meu inimigo. Nem desse porque me fez mal, não daquele porque me caluniou, me difama, mente... Não! Por todos!”**[16].

Em comunhão com toda a Igreja, veneramos...

O Cânon Romano nos lembra também que na Santa Missa estamos não somente com o Senhor, mas também com os homens de qualquer lugar e tempo. Por isso, se fala não somente da Trindade e do Verbo encarnado, de sua morte e de sua ressurreição. Pronunciam-se também os nome de outras pessoas importantes na família, porque nos sabemos também em sua companhia.

“*Communicantes et memoriam venerantes...* Em comunhão com toda a Igreja, veneramos” a sempre virgem Maria, mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo; e também são José, esposo de Maria[17] seguido pelos nomes dos doze apóstolos, entre os quais se inclui a São Paulo[18], e doze mártires dos primeiros quatro séculos da era cristã[19].

Não se trata de uma “enumeração honorária” como as que, às vezes, presenciamos nos atos oficiais, não sem certo tédio e pressa por acabar. Trata-se da nossa família, “a grande família dos filhos de Deus que é a Igreja Católica”[20]. Na Santa Missa estamos em comunhão não somente com nossos irmãos “dispersos pelo mundo todo”[21] mas também com nossos irmãos glorificados no céu, e com os que se purificam para ver com eles o rosto de Deus. “Enquanto nós celebramos o sacrifício do Cordeiro, unimo-nos à liturgia celestial, associando-nos com a multidão imensa que grita: A salvação é do nosso Deus, que está sentado no trono, e do Cordeiro (Ap 7, 10). A Eucaristia é verdadeiramente um resquício do céu que se abre sobre a terra (...) e projeta luz sobre nosso caminho”[22].

Concedei a felicidade, a luz e a paz

Pouco depois da consagração, quando as outras orações eucarísticas concentram suas petições, o Cânon Romano prossegue com elas: “*Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos e filhas (N.N.) que partiram desta vida, marcados com o sinal da fé*”. O celebrante se recolhe por alguns instantes e reza pelos defuntos. Depois continua com umas palavras ternas e muito tocantes: “*A eles e a todos os que adormeceram no Cristo concedei a felicidade, a luz e a paz*”.

A lembrança de nossos irmãos defuntos coloca diante de nossos olhos, mais uma vez, a fraternidade: os outros. O Espírito Santo dilata novamente os nossos corações, porque podemos rezar aqui não somente por nossos defuntos mais próximos, como também por todos os homens e mulheres que Deus chamou a si desde o dia anterior. Alguns terão morrido talvez muito sozinhos e Deus saiu a seu encontro para enxugar as lágrimas de seus olhos[23]. **“Quando chega o memento de defuntos, que alegria rezar também por todos! Naturalmente peço em primeiro lugar pelos meus filhos, por meus pais e meus irmãos, pelos pais e irmãos dos meus filhos. Com agradecimento, por todos os que se aproximaram a mim ou ao Opus Dei para fazer-nos o bem. E – com maior motivo – pelos que tentaram difamar, mentir... : perdoo-os de todo o coração, Senhor, para que Tu me perdoes. E, além disso ofereço por eles os mesmos sufrágios que por meus pais e meus filhos (...). E a gente fica tão contente!”[24](...)que confiamos na vossa imensa misericórdia.**

O Cânon se aproxima de sua conclusão e ainda intercede pelos presentes, celebrante e fiéis: “E a todos nós, pecadores, que confiamos na vossa imensa misericórdia, concedei, não por nossos méritos, mas por vossa bondade, o convívio dos apóstolos e mártires...”[25]. Aqui se nomeia São João Batista, seguido de sete homens e sete mulheres mártires: sete é um número que, assim como o doze que víamos mais acima, tem uma forte marca bíblica: se o doze lembra a eleição divina (das tribos de Israel, dos Apóstolos, etc.), o sete é símbolo de plenitude, de totalidade.

Colocamos nosso olhar no céu: o povo de Deus se acolhe a seus santos nos momentos mais transcendentais de seu culto e a Santa Missa é o lugar em que a Igreja no Céu e a Igreja na Terra se sabem mais unidas. Bento XVI nos animava a agradecer a Deus “porque nos mostrou seu rosto em Cristo, nos deu Nossa Senhora, nos deu os santos, nos chamou a ser um só corpo, um só espírito com Ele”[26]. E como agradecer é apreciar, podemos-lhe dizer com São Tomás de Aquino: “Tu que sabes e podes tudo, que nos alimentas na terra, conduz teus irmãos à mesa do céu, à alegria de teus santos”[27].

Por: Juan José Silvestre

[1] São Josemaria, palavras pronunciadas em um encontro familiar, 22-V-1970 (citado em J. Echevarría, *Para servir a la Iglesia*, Rialp, Madrid 2001, 189-190).

[2] São João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 17-IV-2003, n. 59.

[3] *Sl* 71 (72), 8.

[4] *Sl* 71 (72), 2.

[5] *Sl* 71 (72), 5.

[6] Quando não indicarmos outra coisa, as citações que se seguem são da Oração Eucarística I.

[7] *Sl* 118 (119), 30.

[8] São Josemaria, *É Cristo que passa*, 89.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1352.

[10] São Cirilo de Jerusalém, *Catequese mistagógica* V, 6 (PG 33, 1114).

[11] *É Cristo que passa*, 169.

[12] Francisco, *Homilia*, 29-XI-2013.

[13] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2635.

[14]¹ *1 Tim 2*, 4.

[15] Bem-aventurado Álvaro del Portillo, *Carta*, 29-VI-1975 (em *Cartas de familia* II, n. 19 [AGP, Biblioteca P17]).

[16] São Josemaria, Anotações de uma Reunião Familiar, 1-IV-1972 y del 10-V-1974 (citado em J. Echevarría, *Vivir la Santa Misa*, 106).

[17] Seu nome foi introduzido por decisão de São João XXIII em 1962. O Papa Francisco, por meio do Decreto *Paterna vices* de 1-V-2013, introduziu a menção de São José nas Orações eucarísticas II, III e IV.

[18] São Matias é citado no segundo elenco, depois da consagração.

[19] São cinco Papas, um bispo, um diácono, seguidos de Crisógono –que não se sabe se era clérigo ou leigo– e quatro leigos.

[20] Javier Echevarría, *Carta*, 9-I-2002 (em *Cartas de Familia* V, n. 4 [AGP, Biblioteca P17]).

[21] Missal Romano, Oração Eucarística III.

[22] S. João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 19.

[23] Cfr. *Missal Romano*, Oração Eucarística III.

[24] São Josemaria, Anotações de uma Reunião Familiar, 10-V-1974 (citado em J. Echevarría, *Vivir la Santa Misa*, 151).

[25] Se bem que, na sua origem “E a todos nós, pecadores” poderia se referir unicamente ao sacerdote celebrante e aos seus ministros, na atualidade, parece evidente – à vista das outras orações eucarísticas – que se pede para todos a união com a Igreja Celeste.

[26] Bento XVI, *Discurso*, 20-II-2009.

[27] São Tomás de Aquino, Himno *Lauda Sion*.